



FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA
Curso Superior de Tecnologia em Produção Têxtil

Karina Zanetti

A FORÇA DO SLOW FASHION:
dos “préstimos manuais” às tendências de moda

Americana, SP

2018



FACULDADE DE TECNOLOGIA DE AMERICANA
Curso Superior de Tecnologia em Produção Têxtil

Karina Zanetti

A FORÇA DO SLOW FASHION:
dos préstimos manuais às tendências de moda

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido em cumprimento à exigência curricular do Curso Superior de Tecnologia em Produção Têxtil, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Alice Ximenes Cruz.

Área de concentração: Moda

Americana, SP.

2018

FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Fatec Americana - CEETEPS
Dados Internacionais de Catalogação-na-fonte

Z32f ZANETTI, Karina

A força do slow fashion: dos "préstimos manuais" às tendências de moda. / Karina Zanetti. – Americana, 2018.

97f.

Monografia (Curso de Tecnologia em Produção Têxtil) - - Faculdade de Tecnologia de Americana – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Orientador: Profa. Dra. Maria Alice Ximenes Cruz.

1 Moda I. CRUZ, Maria Alice Ximenes. II. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – Faculdade de Tecnologia de Americana

CDU:687.016

Faculdade de Tecnologia de Americana

Karina Zanetti


**A FORÇA DO SLOW FASHION:
dos “préstimos manuais” às tendências de moda**

Trabalho de graduação apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Produção Têxtil pelo Centro Paula Souza – FATEC Faculdade de Tecnologia de Americana.

Área de concentração: Moda

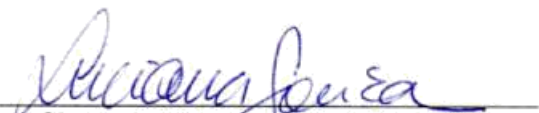
Americana, 28 de junho de 2018.

Banca Examinadora:



Prof.ª Dra. Maria Alice Ximenes Cruz (Presidente)

Centro Paula Souza – FATEC Faculdade de Tecnologia de Americana



Prof.ª Me. Luciana Ramos Souza (Membro)

Centro Paula Souza – FATEC Faculdade de Tecnologia de Americana



Prof.ª Dra. Doralice Luro Ballan (Membro)

Centro Paula Souza – FATEC Faculdade de Tecnologia de Americana

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus eternos anjos – meu pai José Roberto, minha avó Isabel e meu primo Rafael – pessoas que através de luz me transmitem amor e paz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha queridíssima professora e amiga Maria Alice Ximenes Cruz, que ao escolhe-la como minha orientadora não hesitou em aceitar, e me guiou com muita sabedoria nesses passos finais de uma nova etapa que concluo em minha vida, sempre cheia de energia e entusiasmo me mostrou que quando fazemos o que amamos conseguimos transmitir coisas boas. Me orgulho em dizer que fui sua orientanda e que não poderia ter feito escolha melhor.

Agradeço aos docentes do curso de Produção Têxtil, que contribuíram para minha evolução, criticando-me quando se fazia necessário e aplaudindo-me nos passos que hoje me trazem aqui, e principalmente pelas boas conversas de corredor.

A família Atlética Fatec Americana, que por cinco anos pude fazer parte, sendo um ano como presidente e dois anos como diretora de eventos. Mas que por todos os anos me ajudou em meu amadurecimento, me ensinando a ouvir mais as pessoas, me ensinando que juntos somos realmente mais fortes, e que devemos fazer tudo de coração sem esperar algo em troca.

Aos amigos que conquistei durante essa trajetória, um destaque especial à galera da eterna República Manicômio e seus agregados que são pessoas a qual carrego e espero nunca perder contato. Aos amigos da família “Ornitouloukos” que me aceitam como eu sou, e sempre se mantiveram presentes em meus momentos de descontração. As “Princesas Tortas” por partilharem dos meus momentos bons e ruins, por ouvirem meus conselhos e nem sempre os seguir, mas sempre me ajudando a ser alguém melhor.

A Bruna Lolato por me deixar exercer o papel de melhor amiga, e tornar a reciproca verdadeira, por entender meus desaparecimentos para a conclusão desse trabalho e mesmo assim sempre se manter presente.

Ao Matheus Palma, meu namorado, que soube entender minhas angustias, confiando no meu talento até mais do que eu mesma, estimulando-me a continuar meu caminho sem medo, me fazendo acreditar que eu era capaz.

Ao meu irmão Kleber, por executar muito bem o papel de irmão mais velho, me trazendo pipoca enquanto estava mergulhada em livros, ou fazendo cosquinhas para me distrair quando as ideias já estavam cansadas.

A minha rainha, minha mãe Wania, que passou por cima das maiores dificuldades para me fazer sentir sempre amada, dando-me força para nunca desistir. Envolvendo minha vida de amor e segurança. Mulher maravilhosa que me aplaudia quando eu ganhava ou perdia, fortalecendo minha autoestima para que não despendesse com as dificuldades da vida. Verdadeira mãe, que me apontou para o amor, deixando que eu trilhasse meu caminho em paz, sabendo que atrás de mim, sempre estará para me proteger e fortalecer, sendo sempre meu porto seguro e nunca, nunca desistindo de mim.

Agradeço todos que de alguma forma contribuíram para a conclusão desse trabalho, todos que são citados no decorrer dele. Todos que de alguma forma contribuíram e continuam contribuindo para meu crescimento tanto profissional como pessoal.

E por fim, agradeço ao meu querido Deus, por me dar saúde para chegar até aqui e que continue me abençoando a trilhar meu caminho, me mostrando que esse é um termino de um ciclo, mas um começo de algo ainda mais glorioso que me reserva.

EPÍGRAFE

"As roupas não vão mudar o mundo; as mulheres que as vestem vão"

Anne Klein

RESUMO

O consumo desenfreado, produções em grande escala, trabalhos desumanos e poluições por todos os lados, geraram um momento de preocupação. Visto que o planeta está em ruínas, onde a tecnologia deixou todos conectados demais e ironicamente desconectados de outras perspectivas importantes, alternativas sustentáveis e resgate de valores esquecidos estão em evidência nos últimos tempos, tendo em vista as pessoas desejarem não se fundirem na massa e terem uma vida melhor em meio aos problemas desta época. Assim sendo, a presente pesquisa se propõe em valorizar o trabalho manual (crochês, bordados, tricôs), pequenos comércios locais (brechós, bazares, guarda-roupas compartilhados, além de simples artesãos típicos de etnias distintas) e o consumo consciente. Além do intuito de defender a história e o valor de uma roupa, não a tornando um bem descartável.

Palavras Chave: Moda; sustentabilidade; feito à mão.

ABSTRACT

The hectic consumerism, production in large scales, inhuman jobs and pollution all over, generated a moment of worry. Once the planet is in its ruins, in a place which the technology connected everyone and ironically disconnected everybody else in important perspectives, sustainable alternatives and the rescue of values once forgotten have been catching attention lately, since people have desired not to be part of the mass and have a better life quality among all the problems of this time. Therefore, the present research values the handmade work (crochet, embroidery, knitting), small local business (thrift shops, bazaars, shared closets, as well as craftsman of different ethnicities) and the conscious consumption. Aside from the objective of defending the history and value of a cloth, not making it a disposable item.

Keywords: *Fashion; sustainability; handmade.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Agulha de osso	20
Figura 2 - Pintura Rupestre de La Cova Del Moros - Museu Gava, Espanha	21
Figura 3 - Bolsa mais antiga.....	22
Figura 4 - Caça mais antiga	22
Figura 5 - Tutancâmon e sua rainha, VXIII dinastia, 1350-1340 a.C.....	24
Figura 6 - Faraó Ramsés III, XX dinastia.	25
Figura 7 - - Mulher carregando oferendas, XI-XII dinastia, 200 a.C	25
Figura 8 - Mulher e rei de Mari, Suméria 2.900-2.685 a.C.	26
Figura 9 - Assurbanipal II, de Nimrud, Babilônia, 883-859 a.C.	26
Figura 10 - Assírios	27
Figura 11 - Sumérios.....	27
Figura 12 - Roupa Feminina de Egtved - Dinamarca	28
Figura 13 - Gregas	29
Figura 14 - Mulheres Gregas.....	30
Figura 15 - Soldado Grego	30
Figura 16 - Figurino Tróia.....	31
Figura 17 - Figurino Gladiador.....	32
Figura 18 - Indumentária Medieval.....	33
Figura 19 - Arnolfini e sua esposa.....	33
Figura 20 - Mulheres Medievais	34
Figura 21 - Tafetá bordado.....	34
Figura 22 - Tapeçaria de Bayeux	35
Figura 23 - Bordados Richelieu	36
Figura 24 - Bordado Opus Anglicanum	36
Figura 25 - Bordado Opus Anglicanum 2	36
Figura 26 - Os embaixadores e o manto de arminho	37
Figura 27 - Dama com o Arminho	37
Figura 28 - Rainha Elizabeth.....	38
Figura 29 - Isabel I	38
Figura 30 - Gorro Inglês	39
Figura 31 - Renda Renascença.....	39
Figura 32 - Luís XIV	40

Figura 33 - Bolsa de cartas, fichas de jogo ou cartas.....	41
Figura 34 - Catálogos de rendas para golas e punhos.....	41
Figura 35 - Bolsas de dinheiro.....	41
Figura 36 - – Bordado Rococó	42
Figura 37 - Saia Patchwork	45
Figura 38 - Camisa Patchwork	46
Figura 39 - Tie Dye.....	46
Figura 40 - Calça Boca de Sino.....	47
Figura 41 - Estampa Cashemere	48
Figura 42 - Sustentabilidade.....	53
Figura 43 - Mulheres da Moda	54
Figura 44 - Poluição por indústrias.....	55
Figura 45 - Custo Fast Fashion	57
Figura 46 – Fast Fashion	58
Figura 47 - Escravidão Moderna	59
Figura 48 - Incoerências Prejudiciais	60
Figura 49 – Modelos de Negócios.....	62
Figura 50 – Famosas X Pelo animal	63
Figura 51 – Casaco pelo de coelho.....	64
Figura 52 - Slow Fashion X Fast Fashion	69
Figura 53 - Bordado Shipibo.....	73
Figura 54 - Menina peruana	74
Figura 55 - Mulheres artesãs peruanas.....	74
Figura 56 - Bordado Frida Kahlo	75
Figura 57- Roupas Frida Kahlo	75
Figura 58 - Inspirações Frida Kahlo	76
Figura 59 - Vogues inspiradas em Frida Kahlo	77
Figura 60 - Projeto Ponto Firme	78
Figura 61 - Rendeiras nordestinas	79
Figura 62 - Bordado Subversivo	80
Figura 63 - Tragédia Rana Plaza	81
Figura 64 – Quem fez minhas roupas?	82
Figura 65 - Conhecimento Fashion Revolution	83
Figura 66 - Descarte x Cuidados.....	84

Figura 67 – Planos Roupateca	86
Figura 68 – Upcycling.....	87
Figura 69 - Cartaz Upcycling.....	88
Figura 70 - Viktor & Rolf	89
Figura 71 - Economia Linear X Economia Circular.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cases Trabalho Escravo.....	61
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	LINHA DO TEMPO DO ARTESANAL NA MODA	19
2.1	PRÉ-HISTÓRIA	19
2.1.1	Idade do Bronze	23
2.2	ANTIGUIDADE ORIENTAL	23
2.2.1	Egito	24
2.2.2	Sumérios, Assírios e Babilônios	26
2.3	ANTIGUIDADE CLÁSSICA	28
2.3.1	Grécia	28
2.3.2	Roma	31
2.4	IDADE MÉDIA	32
2.5	RENASCIMENTO	35
2.6	BARROCO	40
2.7	ROCOCÓ	42
2.8	REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	42
2.9	GUERRAS MUNDIAIS	43
2.9.1	Primeira Guerra Mundial	43
2.9.2	Entre Guerras	44
2.9.3	Segunda Guerra Mundial	44
2.10	ANOS 60/70	45
2.11	ANOS 80/90	49
2.12	ANOS 2000	50
3	INSUSTENTABILIDADE NA MODA	53
3.1	POLUIÇÃO POR INDUSTRIAS	54
3.2	FAST FASHION	56
3.3	TRABALHO ESCRAVO	58
3.4	CRUELDADE ANIMAL	63
4	CONTRA-MÃO: “ENTRE A TECNOLOGIA E O HANDMADE”	66

4.1 SLOW FASHION.....	67
4.2 INTERESSE NA PERSONALIZAÇÃO.....	71
4.3 RESGATE DE ETNIAS	72
4.4 APRENDIZADO MANUAL.....	77
4.5 FASHION REVOLUTION	81
4.6 BRECHOS, BAZARES E GUARDA ROUPA COMPARTILHADO	83
4.7 TENDENCIAS UPCYCLING	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

Desde a história da civilização humana, o homem vem descobrindo coisas tão importantes comparável a invenção da roda e do fogo, como fazer suas próprias roupas. E através da linha do tempo é possível perceber a questão manual muito instigante, interessante, mas que se perdeu durante um tempo, e começou a se tornar através da moda algo fora de contexto, onde tudo deveria ser produzido em grande escala, muito “*fast*”; onde o industrializado que era bacana, “*cool*”, e na realidade o retorno do *handmade*, o retorno daquilo que foi chamado por um tempo de “trabalhos manuais”, “préstimos do lar”, passou a ser altamente valorizado, inclusive por grandes marcas nos dias de hoje.

Porém, o acesso à essas peças ainda é um pouco limitado para muitas pessoas, pois peças assim não possuem um custo tão acessível, dado o trabalho que tem para ser produzido e o valor que deve ser dado.

Muitos movimentos contra os bordados e peças imitando o *handmade* foram levantados durante esses últimos anos, no sentido de que as bordadeiras, artesãos, se sentiram desrespeitados com as imitações de bordados que eram feitos industrializados e ainda sim, o *handmade* resistiu.

A partir daí, abre-se um cenário através dessa pesquisa apresentando a importância do manual na linha do tempo, e mais que isso, defendendo também uma moda que pode sim ser acessível e sustentável, no sentido de que muitas pessoas procuram em brechós e bazares, peças de crochê, de tricô, bordadas a mão, e muitas garotas jovens, “*fashions*”, tatuadas, valorizando o bordado em bastidor rompendo o estereótipo que isso é “coisa de vó”. O bordado passa a ser um mote dessa pesquisa, assim como feito à mão, o sustentável, encontrando então, o eixo dessa pesquisa.

A priori a intenção era apresentar uma pesquisa da artista plástica mexicana Frida Kalho, devido à grande apreciação pelos bordados mexicanos e pela autenticidade da artista em utilizar até mesmo em Nova Iorque as suas roupas nativas, e a partir também pela afinidade com a questão da comunhão de jovens do mundo inteiro em abraçar causas através de roupas, franjados, bordados, crochê, e de não seguir a manobra de massa da moda, e sim valorizar dentro da moda quem levanta a bandeira pelo sustentável, do feito à mão, daquilo que dá muito trabalho para ficar pronto e que é único, é especial.

Essa pesquisa valoriza a singularidade, até porque no momento em que a moda começou a ir para a internet com a globalização na virada do século, o homem teve medo de se fundir na massa. Ele quis dizer “eu sou único”, e a partir daí tudo aquilo que havia um acesso livre ao mundo, aos desfiles e a tudo através da tela do computador, e hoje, através da tela do celular, percebe-se que caiu em uma grande contradição. Mas uma contradição positiva, no sentido de que o *fast* ficou tão pesado, que o *fast* é tudo, é o *fast* relações humanas, é o *fast* relações amorosas, é o *fast food*, é o *fast fashion*, então de idade moderna, para o pós-moderno, para tempos hipermodernos, ou para a modernidade líquida que se escorre pelos dedos, existe agora o *slow fashion*, que não é lentidão, diferente de que muitos pensam, muito pelo contrário, é um progresso, é um crescimento, é um cuidar do planeta, é um vestir causas nobres, é um existencialismo que você prega através daquilo que você usa, você imprimir seus valores.

E essa impressão de valores está naquilo que você veste, e não somente no que você diz. Não só naquilo que é bacana, bonito, tendência. Mas a tendência inclusive dos grandes portais, podendo citar um deles o Trend2, que em palestras já declarou a importância do reaproveitando, onde grandes grifes já estão usando esse conceito, até porque não é segredo para ninguém que o planeta está em ruínas e pede socorro. Percebe-se então, que esta pesquisa está na direção certa.

O objetivo geral foi defender a força do movimento *slow fashion* na valorização do trabalho manual, da moda sustentável e do consumo consciente.

Como objetivos específicos apresenta-se os resgates de valores esquecidos e os malefícios que a produção em massa causa no ambiente e nos seres vivos e descreve alternativas para mudanças de comportamento de consumo que podem salvar, ou prolongar a vida do planeta.

Os tipos de pesquisa utilizados foram pesquisa exploratória, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

Os principais autores ancorados nessa pesquisa foram: James Laver, Bronwyn Cosgrave, Gil Brandão, François Baudot, Ana Mery Sehbe De Carli, Mercedes Lusa Manfredini, Frances Kenett, Annie Leonard, e várias jornalistas, professoras e blogueiras.

Com isso, a pesquisa foi estruturada em três capítulos, sendo que o primeiro descreve a linha do tempo do artesanal da moda, destacando os principais momentos

em que o trabalho manual se fez presente e tão significativo e representativo. O segundo discute a sustentabilidade na moda, apresentando todas as consequências do consumo desenfreado e da produção em grande escala. E o terceiro capítulo conceitua a contramão entre a tecnologia e o *handmade*, discorrendo propostas do slow fashion através de formas de consumo e produção mais sustentáveis.

Com base nas informações conseguidas a partir dos estudos realizados nos capítulos anteriores, o capítulo quatro se reserva às considerações finais.

2 LINHA DO TEMPO DO ARTESANAL NA MODA

Para um melhor entendimento do *Slow Fashion*, neste capítulo será apresentado com ênfase em alguns momentos cruciais de como se deu início às atividades do fabrico de detalhes artesanais nas vestimentas, sejam esses, bordados, aplicações ou estamparia; desde a antiguidade até os dias atuais, feitas a mãos ou com auxílio de simples utensílios.

Segundo Oliveira (2013),

[...] desde o início, o uso de roupas não estava ligado somente à necessidade de proteção contra as agressões externas e o frio, mas também constituía um adorno, que ajudava o homem, inclusive, a se impor sobre outros animais.

Também conclui que “a moda surgiu como um diferenciador social, diferenciador de sexos, pelo aspecto de valorização da individualidade e com o caráter da sazonalidade”.

Ou seja, desde os primórdios, o homem procura incrementar suas vestimentas a fim de impor um significado, registrando uma história através delas.

Assim Britto (2016) afirma que, "o desejo de sentir-se belo é parte da essência do homem".

2.1 PRÉ-HISTÓRIA

Dando início a linha do tempo, temos a Pré-História.

Esta, por meio de escavações arqueológicas com alta tecnologia é possível encontrar fragmentos que foram resistentes ao tempo, e através deles, extrair o máximo de informações a respeito dos materiais e dos métodos utilizados na época.

De acordo com O Antigo Testamento da Bíblia Sagrada o homem inicialmente cobriu-se com folhas vegetais e posteriormente de peles de animais. A movimentação para isso, segundo a bíblia, foi o caráter de pudor, embora existam diversas outras interpretações, que apontam para o caráter de adorno, magia e de proteção. (SILVA, 2009)

Segundo Laver (1989), no período Paleolítico (cerca de 3.000 a.C.), para se proteger do frio intenso da última Era Glacial, o vestuário predominante do homem

primitivo era o uso de peles dos animais, uma vez que a carne do animal era aproveitada para sua própria alimentação.

"O que inicialmente teria tido somente sentido prático, adquiriu sentido estético e de embelezamento, e os melhores caçadores ostentavam as melhores peles" (BRITTO, 2016)

Nesse período pré-histórico, desenvolveram-se ferramentas de raspagem para retirar restos de carnes das peles e realizavam técnicas de sovar a pele repetidas vezes após molha-la ou realizavam processo de mastigação (processo ainda hoje utilizado por mulheres esquimós), para tentar deixar a pele mais maleável, porém, ambas não eram de todo eficientes (se encharcadas, os processos precisariam ser refeitos) e foram se aprimorando. Um avanço foram os tratamentos com substâncias naturais (óleo ou gordura animal) e mais tarde descobriram o ácido tânico, proveniente de cascas de algumas árvores, o que foi de grande valia para o manter a pele maleável e impermeabilizada. (LAVÉR, 1989)

Laver (1989, p. 10) destaca sobre o processo utilizando ácido tânico que:

Esse processo permitiu que as peles fossem cortadas e moldadas, e houve então um dos maiores avanços tecnológicos da história do homem, comparável em importância à invenção da roda e à descoberta do fogo: a invenção da agulha de mão.

Como mostra a figura 1, uma agulha feita de osso plano, de 59x3x2mm, referente ao final do período Paleolítico Superior (17.000 e 10.000 antes da era atual), coletada na Caverna Gourdan, por Henri Filho.

Figura 1: Agulha de osso



Fonte: <http://historiadamoda.com.br/vestuario-na-pre-historia/>

Começou-se aí, o primeiro passo para o surgimento do corte e costura e da tecelagem. Pois através do desenvolvimento da agricultura e da pecuária, o homem

fixou moradia. E após ter estabelecido essa moradia fixa, os processos têxteis foram se evoluindo.

Através das pinturas rupestres é possível notar que havia conhecimento de corantes, e estes eram utilizados para colorir vestes e adornos, pois esses desenhos registram presença de cores no vestuário. (HISTÓRIA..., [200-?])

Figura 2 - Pintura Rupestre de La Cova Del Moros - Museu Gava, Espanha



Fonte: <http://historiadamoda.com.br/vestuario-na-pre-historia/>

Como podemos ver em um trecho citado por Boucher (2010, p.21):

O fato de que, nas regiões de clima mais temperado, os povos caçadores se enfeitavam mais do que e vestiam leva a 'buscar as origens desse comportamento na vontade de se distinguir dos outros membros do grupo, razões tanto espirituais quanto materiais: desejo de atrair a atenção ou simpatia, de delimitar faixas etárias, classificação tribal ou a condição do indivíduo – solteiro, casado ou viúvo. Relações podem igualmente ser estabelecidas com as cerimônias religiosas, as manifestações de luto e a guerra'. (apud HISTÓRIA..., [200-?])

Ou seja, já é possível notar que as vestes não são utilizadas somente para proteção de natureza externa, tem algo a mais. O ser humano já demonstra interesse em se expressar através delas.

Ainda no período da pré-história, para caráter de curiosidade, a figura 3 retrata a suposta bolsa mais antiga do mundo, registrada aproximadamente a 4.500 anos a.C., na pré-história. Esta foi encontrada no território que hoje pertence a Alemanha. O revestimento da peça é feito em couro e tecido, e este acabou se deteriorando com

o tempo, porém, foram preservadas somente as presas de animais presas a ela, e acredita-se que estas serviam de decoração e como proteção espiritual para a pessoa que a utilizava.

Assim como diz SILVA (2009), o homem buscou destacar-se e impor-se aos demais com a exibição de dentes e garras de animais ferozes. Tais adornos mostravam a bravura de quem os utilizava e pelo lado da magia, o uso de alguns objetos representava a aquisição de poderes ou proteção fora dos normais.

Figura 3 - Bolsa mais antiga



Fonte: <https://segredosdomundo.r7.com/veja-como-eram-as-roupas-e-os-acessorios-na-antiguidade/>

A próxima imagem, retrata a suposta calça mais antiga (3.300 anos a.C.), encontrada no oeste da China. A peça foi feita de lã, e decorada com um padrão complexo de materiais e figuras. Muito provavelmente pertenceu a um nômade que viveu na pré-história.

Figura 4 - Caça mais antiga



Fonte: <https://segredosdomundo.r7.com/veja-como-eram-as-roupas-e-os-acessorios-na-antiguidade>

Portando, através dessas duas imagens, podemos notar a presença de um trabalho manual “a mais” na peça, com possibilidade de vários significados vemos a necessidade que o homem tem de deixar suas vestes mais incrementadas.

2.1.1 Idade do Bronze

Um período que vale ser ressaltado na pré-história é a Idade do Bronze (3.300 a.C.), quando o homem descobre a possibilidade de estampar sua própria roupa.

Já com acesso ao barro cozido - "argila", além de criar utensílios para casa, o homem passa a fazer uma espécie de carimbo com desenhos, para então poder reproduzir essas imagens em suas vestimentas. Para esse processo, ele pegava esses carimbos, molhava na tinta (feita com corantes naturais, vísceras e/ou sangue de animais, que ele já utilizava para a coloração de suas vestes), e carimbava várias vezes em sua base têxtil. (comunicação viva)¹

Ou seja, o homem já tinha uma base têxtil, porém, não bastava ter somente uma roupa feita de tecido, não bastava uma roupa colorida, o ideal era uma roupa estampada, diferente, onde através de seus desenhos ele pudesse expressar algo a mais.

Com base nessa nova invenção, afirmamos ainda mais que é possível perceber que com tão poucos argumentos, ferramentas e possibilidades, já havia uma forma manual de deixar a roupa não somente necessária, mas sim, bonita e representativa.

2.2 ANTIGUIDADE ORIENTAL

Seguindo a linha do tempo, cada vez é mais possível notar que as vestimentas eram usadas a fim de demonstrar algum significado, e para isso, utilizavam-se de trabalhos manuais.

Na antiguidade oriental, onde temos o Egito e Mesopotâmia, quase todos usavam cintos enfeitados, e, de acordo com o status de cada pessoa, os trajés

¹ Aula de História da Moda ministrada pela Professora Mestre Maria Alice Ximenes em 20 de março de 2018 na Fatec Americana.

também eram ornamentados e bordados, de forma mais ou menos elaborada. (SILVA, 2009).

Ou seja, através de bordados, distinguam-se as classes sociais. A posição social se dava pela quantidade de enfeites.

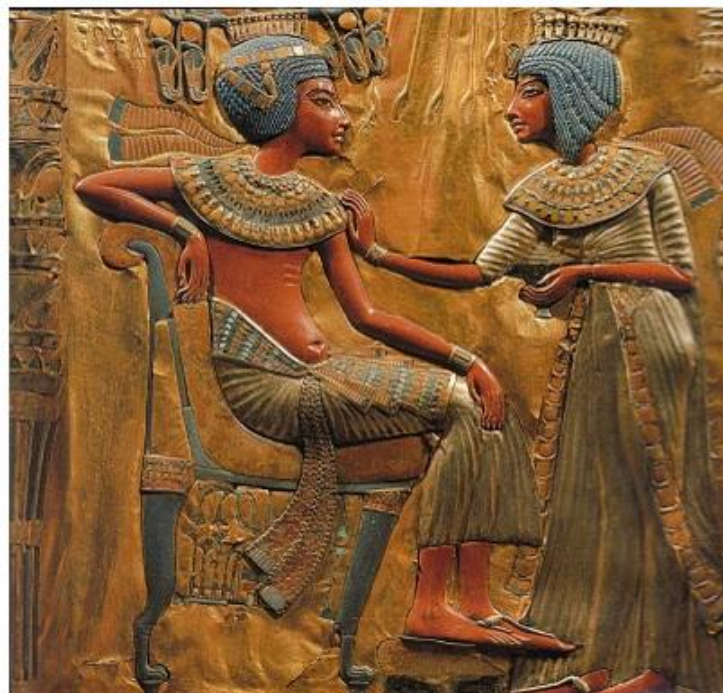
2.2.1 Egito

De acordo com Cosgrave (2012), no Antigo Egito, as mulheres não tinham o mesmo tratamento dos homens, portando, fazia parte das suas “funções” confeccionar as vestimentas.

A diferença dos trajes se dava pelo nível social (roupas de faraós e rainhas não eram a mesma dos demais), e para retratar isso, utilizavam tecidos mais finos, como o linho, e decoravam essas vestimentas com bordados em fios de ouro. (COSGRAVE, 2012)

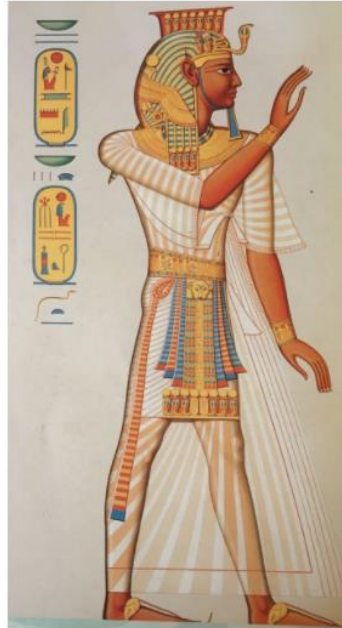
O bordado aparece então para destacar a hierarquia. É possível notar sua presença nos cintos e nas golas, das rainhas e faraós. Estes eram feitos além do fio de ouro, também com contas e pedrarias, podemos observar tais informações nas imagens.

Figura 5 - Tutancâmon e sua rainha, VXIII dinastia, 1350-1340 a.C



Fonte: A Roupas e a Moda. James Laver. Companhia das Letras, 1989.

Figura 6 - Faraó Ramsés III, XX dinastia.



Fonte: *Historia de la moda*. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

De acordo com algumas estatuetas, imagina-se que também utilizavam de uma técnica de estamparia composta por uma rede de couro colorido, informa Laver (1989). Observada na imagem 7.

Figura 7 - - Mulher carregando oferendas, XI-XII dinastia, 200 a.C



Fonte: *A roupa e Moda*. James Laver. Companhia das Letras, 1989.

2.2.2 Sumérios, Assírios e Babilônios

O destaque principal da vestimenta desses povos, é o surgimento de um novo método manual, os babados e franjas feitos com tufos de lã ou linho.

Nos sumérios, esses tufos aparecem dispostos simetricamente nas saias e xales, e as vezes, em uma série de babados. (LAVÉR, 1989).

Figura 8 - Mulher e rei de Mari, Suméria 2.900-2.685 a.C.



Fonte: A Roupas e a Moda. James Laver. Companhia das Letras, 1989.

Porem quando esses tufos, ou tiras independentes estiverem nas bordas de retângulos das vestes, transformando-se em franjas, trata-se das vestimentas usadas pelos assírios e babilônicos, de ambos os sexos. (LAVÉR, 1989)

Figura 9 - Assurbanipal II, de Nimrud, Babilônia, 883-859 a.C.



Fonte: A Roupas e a Moda. James Laver. Companhia das Letras, 1989.

Nesse período, o comprimento das franjas tornou-se cada vez mais importante, e elas indicavam a condição social de quem usava. Os trajes mais ricamente ornamentados, eram reservados para reis e rainhas.

Figura 10 - Assírios



Fonte:

<http://povosdaantiguidade.blogspot.com.br/2008/07/civilizacao-assria-antigo-ashur-ou-assur.html>

Figura 11 - Sumérios



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/316940892521683893>

Confirmando todas as informações citadas, foi encontrada uma roupa feminina no túmulo de Egtved na Dinamarca, o modelo aparece confeccionado com cordões presos a um cinto com ornamento circular de metal, como uma espécie de franjado.

Figura 12 - Roupa Feminina de Egtved - Dinamarca



Fonte: <http://historiadamoda.com.br/vestuario-na-pre-historia/>

2.3 ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Nesse período continuamos vendo a importância de adornos manuais nas vestimentas afim de expressar e agregar valores nas mesmas.

2.3.1 Grécia

Na Grécia Antiga, tecer e bordar, consistia na educação necessária que uma jovem devia receber de sua mãe para cuidar de um lar, estava no mesmo patamar de saber ler e escrever. (COSGRAVE, 2012)

De acordo com Laver (1989), ao contrário da imagem que nos é passada de as vestimentas gregas serem todas em tons claros naturais e brancas, pesquisas posteriores apresentaram tecidos ricamente ornamentados e coloridos.

Contudo, hoje sabemos que até os menos favorecidos também tingiam suas vestes com tintas vegetais.

Todas as roupas de lã – felpos, túnicas, e toda a diversidade de capas e mantos – eram profusamente coloridas. Uma das cores favoritas (e que indicavam uma certa distinção) era uma vermelho-escuro intenso, ou púrpura. As guarnições em geral assumiam a forma de listras e debruns coloridos com padrões que podiam ser entretecidos ou bordados. (KÖHLER, 1993 apud HISTÓRIA...[200-?])

Os bordados eram uma prática comum para a ornamentação dos tecidos. Sendo aplicados nas extremidades do tecido, e consistiam em desenhos formais, como a “cercadura grega” (figura 13). Os motivos eram variados, desde formas geométricas como círculos, quadrados, rosetas, até formas da natureza como flores (folha de louro e acanto) e animais. (LAVÉ, 1989)

Figura 13 - Gregas



Fonte: A Moda através dos Tempos. Gil Brandão. [s.l.].[199-?].

Os bordados refletiam a riqueza daquele momento (COSGRAVE, 2012)

Figura 14 - Mulheres Gregas



Fonte: *Historia de la moda*. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

Os bordados estavam tão em uso nesse período da história, que era possível vê-los sendo utilizados em roupas femininas, de pessoas importantes, como também nas roupas dos soldados gregos.

Figura 15 - Soldado Grego



Fonte: *Historia de la moda*. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

Para uma boa ilustração das vestimentas gregas, temos o filme *Tróia* (2004), dirigido por Wolfgang Petersen, com roteiro escrito por David Benioff, baseado na *Ilíada*, célebre poema do autor grego antigo Homero sobre a guerra de Troia. Teve o figurino assinado por Bob Ringwood que concorreu ao Oscar de Melhor Figurino em 2005.

Figura 16 - Figurino Tróia



Fonte: <http://historiadamoda.com.br/figurino-realista/>

2.3.2 Roma

No período do Império Romano, tecer também era um ofício feminino.

A prática era tão representativa para a cultura romana que a roca, o fuso e entre outros equipamentos da tecelagem faziam parte do cortejo nupcial. A noiva seguia da casa de seu pai acompanhada por três companheiras para a casa de seu esposo levando sua roca e fuso. Esses objetos simbolizavam as habilidades domésticas da noiva e sua capacidade de gerir o lar. Toda mulher romana independente de sua classe social deveria saber fiar e tecer. (HISTÓRIA..., [200-?])

Mais uma vez, o bordado continua aparecendo como forma de expressar riqueza, assim como em outros períodos já citados. E como diz Cosgrave (2012), nesse período os bordados também eram executados em fios de ouro, com a

denotação à posição social de quem os carregava.

Para conhecimento bem retratado das vestes utilizadas durante o império Romano, o filme “Gladiador” (2000) também é uma ótima referência. A trama se passa no ano 180 d. C., tem o figurino assinado por Janty Yates e levou os prêmios Oscar, BAFTA e Satellite Awards de Melhor Figurino.

Figura 17 - Figurino Gladiador



Fonte: <http://historiadamoda.com.br/figurino-realista>

2.4 IDADE MÉDIA

De acordo com Cosgrave (2012), a confecção das roupas que anteriormente se tratava de um trabalho exercido pelas mulheres, começa a passar pelas mãos dos homens. Nessa época surge pela primeira vez preferências individuais por suas vestimentas, e as pessoas com grande relevância social, começam a querer vestir roupas com características próprias para indicar de qual família ela pertencia, ou seja, a classe social e a família a qual ela pertencia que indicaria qual roupa ela deveria vestir, assim como em outras épocas, a roupa também era um fator de diferenciação social. Quanto maior o prestígio, mais ornamentada ela era.

Começou-se então neste mesmo século, os bordados com motivos militares e os que identificavam países, regiões e impérios. Escudos, brasões, pendões, armas em diversas cores. (BORDADOS UNIVERSAL JC, 1999)

Os bordados começam a aparecer com maior habilidade dos artesões, e passam a ser mais refinados, costuradas de forma esmerada, com aplicações ricas

em pedrarias, perolas, e fios grossos de linho, lã e claro, ouro. Em sua grande maioria, aparecem localizadas nas golas, mangas e bainhas.

Figura 18 - Indumentária Medieval



Fonte: *Historia de la moda*. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

Outro elemento bastante utilizado nesse período, tratava-se das peles de animais, e estas eram utilizadas por todas as classes sociais, porém, a sua posição social indicava de qual tipo de animal seria. Utilizavam-se essas peles em todas as estações do ano. Ricos usavam a pele de arminho ou marta, e os demais pele de ovelha, raposa ou texugo. (COSGRAVE, 2012)

Figura 19 - Arnolfini e sua esposa



Fonte: *Historia de la moda*. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

Ainda de acordo com Bordados Universal JC (1999), neste mesmo período no Oriente (imperadores nipônicos), também utilizavam bordados, e esses tinham imagem de sol, lua, estrela, montanha e dragões. Já no Ocidente, o bordado tornou-se mais popular, e as damas da corte e as próprias rainhas começaram a se dedicar ao bordado, os mosteiros cederam espaço e começaram a incentivar tal atividade.

Figura 20 - Mulheres Medievais



Fonte: *Historia de la moda*. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

Figura 21 - Tafetá bordado



Fonte: <https://keyvieira.wordpress.com/2013/04/15/historia-dos-tecidos-idade-media/>

Um exemplo bastante significativo a respeito do trabalho bordado desta época, trata-se do "Bayeux Tapestry", um tapete todo bordado com 231m de comprimento que representava a Batalha de Hastings (1066), é uma obra de arte feita pelos artesãos da catedral de Canterbury a pedido do bispo Odo de Bayeux.

Figura 22 - Tapeçaria de Bayeux



Fonte: <https://www.sites.google.com/site/bordadosuniversal/a-historia-do-bordado>

2.5 RENASCIMENTO

Dando continuidade a muitas referências da Idade Média, o Renascimento engrandece a quantidade de “enfeites” nas vestimentas. E com muitos destaques importantes para o artesanal.

As roupas tornaram-se mais requintadas, os ornamentos ganharam maior importância. As roupas vinham costuradas com joias diversas. Nesse momento, a costura se torna um empreendimento muito lucrativo. O vestuário masculino e feminino acabou se igualando na riqueza de recortes e de ornamentos. (OLIVEIRA, 2013)

Dois tipos de bordados em específico, marcaram essa época, e merecem destaque, que são eles: o bordado Richelieu e o bordado *Opus Anglicanum*.

- a) Bordado Richelieu: (Cardeal Richelieu, que integrava a corte do Rei Luís XIII da França, e criou oficinas para esse tipo de bordado), “trata-se de uma técnica de bordado aberto no qual desenhos de figuras, como flores e folhas, são contornados por meio de um ponto de casear”, feitas em fundo branco e tecido leve. Estava, nesse momento, dado o primeiro passo à criação da renda. (CHRISTINE, 2013)

Figura 23 - Bordados Richelieu



Fonte: <https://michelechristine.wordpress.com/os-bordados/richelieu>

- b) Bordado Opus Anglicanum: desenvolvido na Inglaterra, muito usado em trajes religiosos, e também retratando imagens religiosas.

Figura 24 - Bordado Opus Anglicanum



Fonte: <http://sidneyeileen.com/2015/07/03/opus-anglicanum-stitch-along-part-4/#.Wt-w9ojwbtQ>

Figura 25 - Bordado Opus Anglicanum 2



Fonte: <http://going2see.blogspot.com.br/2016/10/opus-anglicanum-masterpieces-of-english.html>

Assim como na Idade Média, a pele de arminho ainda aparece nas vestimentas da corte (o que irá refletir no Barroco também), principalmente no manto real. “O manto real simbolizava o reino e a autoridade do monarca. E o pelo do arminho significava a pureza que deveria envolver o imperador e seu reino.” (CINTRA, 2012)

Figura 26 - Os embaixadores e o manto de arminho



Fonte: *Historia de la moda*. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

Uma obra muito famosa em que retrata esse animal muito procurado por seu pelo bem branco e limpo, é “Dama com o Arminho”, de Leonardo Da Vinci, em 1485-1490, observando-a, notamos delicadeza e a imposição.

Figura 27 - Dama com o Arminho



Fonte: <http://davinci.net76.net/pintor/1480.html>

No período do Renascimento, temos um fato muito marcante:

[...]as roupas eram consideradas uma invenção e o tempo era dedicado à sua manutenção e reparo. Os cortesãos necessitavam de um grande guarda-roupa e muitas vezes vendiam seus bens de segunda mão para recuperar uma parte de seu custo.(COSGRAVE, 2012, “tradução nossa”)

Portanto, podemos concluir que se trata de uns primórdios dos “brechós”, onde as roupas “gastas”, “usadas”, eram passadas para a poluição que não podia adquirir, comprar novas de tal modelo.

Um outro trabalho manual muito importante e minucioso notado nesse período, foram os trabalhos empregados nos “rufos”, estes tratavam-se de um elemento “hierárquico”, que com o passar do tempo foi ficando cada vez maior, retratando que quem os usava não precisa trabalhar, ou seja, era um privilégio aristocrático. (LAVÉR, 1989)

Figura 28 - Rainha Elizabeth



Fonte: A Roupas e a Moda. James Laver. Companhia das Letras, 1989.

Figura 29 - Isabel I



Fonte: Historia de la moda. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

Como podemos ver, os rufos eram acompanhados de trajes ricamente detalhados, ao observa-los, notamos a complexidade dos trabalhos manuais.

Figura 30 - Gorro Inglês



Fonte: Historia de la moda. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

No final do século, temos mais um fato marcante para os trabalhos manuais da moda, trata-se da renda renascença.

As rendas Renascença são famosas pelo estilo de bordado feito exclusivamente à mão, com traços marcantes, em que predominam pontos exclusivos e entrelaçados delicados. Neste traçado, desenhos concêntricos se projetam em linhas sinuosas e divergentes. Tradicionalmente feita em tecido branco. (CILENE, 2010)

Figura 31 - Renda Renascença



Fonte: <http://chic.uol.com.br/moda/noticia/dossie-das-rendas-martha-medeiros-ajuda-a-desvendar-e-reconhecer-os-5-tipos-mais-famosos>

2.6 BARROCO

Chegamos ao período do exagero, e isso reflete, e muito nos trabalhos manuais na moda desse século, as roupas se encheram de babados, lacinhos, flores e renda. E muito bordado com fios de ouro e prata.

Todo esse excesso executado por trabalhos manuais, continua associado ao poder hierárquico.

Figura 32 - Luís XIV



Fonte: Historia de la moda. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

Como podemos notar na imagem de Luís XIV, este utiliza todos os recursos em suas vestes, vemos bordados (em fios de ouro), rendas e muito pelo de arminho.

Até mesmo em simples acessórios, era possível notar a presença dos bordados bem elaborados:

Figura 33 - Bolsa de cartas, fichas de jogo ou cartas



Fonte: Historia de la moda. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

Figura 34 - Catálogos de rendas para golas e punhos



Fonte: <https://historiadeltraje.wordpress.com/tag/luis-xiii/>

Figura 35 - Bolsas de dinheiro



Fonte: <https://historiadeltraje.wordpress.com/tag/luis-xiii/>

Os bordados assim como no Renascimento, também eram utilizados para diferenciar as famílias, cada uma tinha seu brasão específico, como a imagem 35 retrata.

2.7 ROCOCÓ

Se o Barroco foi caracterizado pelo exagero o Rococó foi, de fato, o exagero do exagero.

As rendas ganharam lantejoulas para ornamentação, e via-se uma enorme quantidade de flores e bordados nunca visto. Permanece com o mesmo conceito de grandeza e hierarquia.

Figura 36 - – Bordado Rococó



Fonte: Historia de la moda. Bronwyn Cosgrave. Gustavo Gili, 2012.

2.8 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

“A indústria têxtil deu o arranque da Revolução”, disse Monteiro (2007), e com isso, a classe burguesa passou a querer se diferenciar das demais classes, e era notório essa percepção. Enquanto as de alta classe utilizavam roupas luxuosas, as demais trabalham com salários baixíssimos e cargas horárias extensas.

Ao mesmo tempo que a revolução industrializou processos que antes eram manuais, por outro lado, alguns acabaram se fortalecendo, pois como a classe burguesa queria se diferenciar, acabaram buscando por exclusividade, contratando pessoas especializadas para garantir essa exclusividade buscada, e os com menor poder aquisitivo recorriam para a produção em massa.

Assim, afirma Monteiro (2007):

A manufatura das roupas, nas sociedades industriais do século XIX, desenvolveu-se de duas maneiras diferentes. Havia uma procura de costureiras por encomenda, de costuras delicadas e sob medida, que só podiam ser feitas à mão, e ao mesmo tempo, começava a produção em massa do vestuário industrializado padronizado, tanto nos modelos como nas medidas.

2.9 GUERRAS MUNDIAIS

Eis que dois grandes acontecimentos marcaram significativamente mudanças nos vestuários e seus modos de fabricação.

2.9.1 Primeira Guerra Mundial

De acordo com Ximenes (comunicação viva)², durante a primeira Guerra Mundial, que aconteceu de 1914 a 1918 a gente percebe que os homens foram para guerra e as mulheres tiveram que abandonar suas roupas "pomposas", com espartilhos, com anáguas, e tiveram que assumir uma roupa mais prática. E na realidade isso foi uma mudança considerável até no sentido de se reinventar as roupas; as roupas encurtaram, já que as mulheres teriam que começar a exercer atividades com maior agilidade e praticidade. Mas com isso não significava que as roupas não ficaram bonitas, elas apenas se adaptaram ao novo modo de vida dessas mulheres.

Portanto, ao acabar a guerra, as roupas tinham se tornado mais práticas, porque as mulheres haviam mudado. Ainda assim, havia aquele momento, que era o momento de mulheres prestimosas, mulheres recatadas, mulheres que bordavam. Se a gente pegar desde a Grécia Antiga, as mulheres teciam em casa, tinham teares manuais. As mulheres romanas também. Então não era um trabalho só de criadas, era trabalho das senhoras Ateniense, da senhora Romana. Elas tinham que ter esse préstimo, fazia parte de sua cultura. E passando o tempo, a gente vê, voltando para a Primeira Guerra, que teve uma grande mudança, só que isso não significa que as roupas por serem práticas, não eram mais bonitas e representativas, as roupas continuaram interessantes, pois as mulheres foram dando "toques", e sempre, a gente percebe, que a figura principal de quando se fala de bordados, quando se fala de algum toque manual, parece que é sempre a mulher que aparece em cena, nunca a gente vê a figura do homem bordando, era a época que tinha os grandes estilistas, mas mesmo assim, essa atividade continua associada a mulher.

² Aula de História da Moda ministrada pela Professora Mestre Maria Alice Ximenes em 20 de março de 2018 na Fatec Americana.

2.9.2 Entre Guerras

Segundo Baudot (2000), nesse período entre guerras, as mulheres copiavam o vestuário masculino (mais práticos, uma vez que tiveram que tomar cargos até antes somente ocupados por homens), enquanto a alta costura ficava restrita para atrizes de cinema, ricas herdeiras e mulheres e filhas de industriais milionários. Portanto, para essa classe mais baixa, “miserabilidade tempera-se com boás, bordados e quinquilharias”. Ou seja, a mulher teve de arrumar uma forma de embelezar suas roupas por si só. “A mulher modesta, que não tem acesso às elegâncias, cose e recorre à sua máquina de costura”.

2.9.3 Segunda Guerra Mundial

Na Segunda Guerra Mundial, que aconteceu de 1939 a 1945, que foi uma guerra mais pesada, mais sangrenta, que durou mais tempo também, foi uma guerra que fez com que as mulheres, com pouquíssima matéria-prima, ainda assim, se esforçassem pela elegância, então elas passaram a fazer chapéus de papelão, bolsas de jornal, ou seja, começaram a utilizar materiais alternativos. Algumas mulheres acabaram utilizando suas cortinas e seus lençóis para fazer suas roupas, mesmo após o término da guerra, pois o tecido era muito caro. (comunicação viva)³

Tudo isso é interessante no sentido de possibilidades manuais que a gente demonstra quando não temos outros artefatos. Nesse período não tinha indústria, e não tinha o comércio.

Como diz Ximenes, então as roupas ficaram mais justas, mais próximas do corpo para ficarem de mais fácil locomoção; surgem as roupas que são "meio de mentira", o conjunto que não era conjunto, pois o casaco já é preso na saia, ou seja, era um vestido que fazia "de conta" que era conjunto. A blusa de baixo não era blusa de baixo, já era costurada junto com o casaco, e as mulheres incrementavam elas, davam um toque com um bordado, com o que elas tinham, uma linha colorida.

Enfim, parece que sempre em altas necessidades de enfeite, há um aprimoramento manual.

³ Aula de História da Moda ministrada pela Professora Mestre Maria Alice Ximenes em 20 de março de 2018 na Fatec Americana

2.10 ANOS 60/70

Após o término da Segunda Guerra e anos 50, o trabalho manual não aparece com muito destaque, ele ainda existe, porém, sem grandes fatos marcantes.

Já no final dos anos 60, a gente percebe que com o movimento jovem, que já tinha se cristalizado nessa década, a gente tem um momento interessante de jovens alternativos, com vidas alternativas, com novos estilos de vida. Jovens que não queriam morar em casa, que não queriam viver seguindo o capitalismo, as bases do capitalismo. Jovens que eram contra tudo que era ditatorial, tudo que era imposto.

“A revolução dessa vez é verdadeiramente cultural”. (BAUDOT, 2000)

Esses jovens decidiram viver em comunidades, em acampamentos. E queriam dizer não há tudo que era imposto, inclusive à moda.

Então eles passam nessa época a construir suas próprias roupas. Com os restos de roupas, roupas velhas, passam a fazer algo que nunca tinha sido feito - o Patchwork. Esse trata-se de misturar vários retalhos na mesma peça; com essa técnica eles faziam suas colchas, cobertas, saias, vestidos, coletes.

Figura 37 - Saia Patchwork



Fonte: <http://angellvintage.blogspot.com.br/2012/06/saia-em-patchwork-em-veludo-cotele-anos.html>

Figura 38 - Camisa Patchwork



Fonte: https://www.ebay.com/itm/Vintage-Anos-70-Multicolorido-Jaqueta-De-Couro-Feminino-Tam-18-5-Patchwork-Discoteca-Era-/112853760432?_ul=BR

Passam a tingir também as próprias roupas. Faziam um tingimento que na época foi dado o nome de Tie Dye. Eles amarravam, e mergulhavam o tecido na tinta, e quando desamarrava mostrava um desenho surpreendente, então até hoje é bastante famoso esse tipo de tingimento *tie dye*.

Figura 39 - Tie Dye



Fonte: <https://hippiedebutique.wordpress.com/estilo/hippie/>

Além disso eles passaram a enfeitar as próprias roupas, desfiando, arrancando bolsos da roupa jeans que tinha sido desbotada e deixando o bolso, a parte marcada mais escura. Ou então descosturando toda a barra, e deixando toda aquela marcação onde a barra tinha sido costurada. Ou a lateral aparecendo mais escura. Então eles começaram a dar esses toques. Abrindo a boca da calça, para ela parecer bem larga, que foi na época chamada de boca de sino, ou pata de elefante.

Figura 40 - Calça Boca de Sino



Fonte: <https://catracalivre.com.br/geral/estilo/indicacao/fotos-mostram-que-as-roupas-usadas-em-woodstock-inspiraram-o-que-voce-veste-hoje/>

“Lança-se mão de velhas técnicas artesanais e de influências colhidas em culturas de etnias variadas” (BAUDOT, 2000)

E o que muita gente pergunta, e não sabe, é por que eles usavam roupas com estampas indianas, por que eles usavam roupas que pareciam vir de outros continentes, na realidade era para firmar a questão de comunhão de povos do mundo

inteiro. Os hippies tinham uma ideologia dessa "coisa" irmãos do mundo inteiro, então eles mandavam roupas que eles faziam, e recebiam também. Então eles usavam roupas com estampas cashmere, ou então com teares bem manuais, feito em lugares diferentes, em outros continentes. E essas roupas que eram tecidas, estampadas, bordadas, que vinham de longe, acabaram se tornando muito interessantes, se tornaram moda. (comunicação viva)⁴

Figura 41 - Estampa Cashmere



Fonte: <http://patty-detudoumpouco.blogspot.com.br/2012/03/estampa-cashmere-or-paisley.html>

Mas não foi todo jovem que quis viver assim, completa Ximenes*, assim como hoje, nem todos vivem da mesma forma, com meus valores e princípios; tem jovem que quer ficar na tranquilidade da vida boa de casa, e tem jovens que vão à luta conquistar seus ideais, batalhar pelas coisas que eles acreditam. E na época, muito jovem não quis sair de casa para levar essa vida, falava "ah não, tenho uma vida tão confortável, vou viver minha vida confortável, mas é bem bacana a roupa que eles usam, mas a roupa deles não vende em lugar nenhum, são eles que fazem, eles bordam." Então o que acontece? As boutiques londrinas, na década de 60, final de 60 e principalmente na década de 70, passaram a fabricar as roupas inspiradas nas roupas dos hippies, então as batas com os desenhos, com os franjados, a boca de sino, os bordados. Tudo que lembrava a roupa dos hippies foi feita numa versão

⁴ Aula de História da Moda ministrada pela Professora Mestre Maria Alice Ximenes em 20 de março de 2018 na Fatec Americana

boutique, coisa que o hippie nunca quis ser, ele nunca quis ser chique, ele nunca quis ter sofisticação, e nunca quis ditar moda, ele era contra, ele era antimoda, ele era anti padrões, anti tudo que era imposto, e na realidade a moda não deixou passar batido, “Já que os jovens querem, vamos oferecer”. A moda, onde tem uma fresta, ela aproveita.

Assim como diz Baudot (2000):

Para toda uma faixa da juventude, a recusa tanto das convenções burguesas como da sociedade industrial moderna traduz-se por um desinteresse ostensivo em relação a qualquer moda. Recorrendo a roupas vindas de outros horizontes – casacos afeganes, camisas indianas, motivos floridos, etc. -, eles propagam a paz, o amor e, sem querer, inventaram um estilo: a antimoda.

2.11 ANOS 80/90

No momento que a gente percebe que as coisas mudam, que anos 80, anos 90, era o triunfo do capitalismo, total. Os “Yuppie”, e as grandes marcas, as grifes, os estilistas eram os grandes estrelas da passarela, mas a gente vê que no início dos anos 2000 com a expansão da internet, com a globalização, parece que o homem sentiu necessidade de se diferenciar, sentiu necessidade de ser único, com a questão da internet, ele não quis se fundir na massa, e aí o que todo mundo imaginava que não aconteceria, porque aí todo mundo poderia se padronizar porque o acesso a informação era uma coisa possível para todos, acontece o contrário, começa as customizações, começa a reciclagem, começa a acontecer um movimento de cuidado com o meio ambiente, começam a mostrar campanhas de não matar os animais, preservar os animais em extinção, começa o movimento ecológico contra as roupas feitas com pele de animais, os pelos de bichos, então a gente percebe que é um momento que começa-se a erguer a bandeira da ecologia e cuidado com o meio ambiente, não é o movimento que nós vivemos hoje, já que hoje avançou-se mais, mas podemos perceber que já era uma sinalização de um novo tempo. (comunicação viva)⁵

A própria marca registrada Tencel:

⁵ Aula de História da Moda ministrada pela Professora Mestre Maria Alice Ximenes em 20 de março de 2018 na Fatec Americana

[...]que começa a fabricar uma fibra artificial feita da celulose da polpa da madeira. Já que é feita por material colhido em plantações de árvores, é renovável, um produto ecologicamente correto. Embora seja uma fibra manufaturada, é considerada natural e, como tal, biodegradável. É dissolvida em um agente dissolvente reciclável não tóxico. (BELZER, 20117)

Isso já age como um termômetro, uma sinalização de que as roupas deveriam ser novamente naturais. Começa a surgir a preocupação com “como minha roupa é feita?”

2.12 ANOS 2000

Felizmente os avanços, na mesma proporção da tecnologia, também foram se tornando uma macrotendência à sustentabilidade, não tinha esse nome ainda, os movimentos começaram como cuidados com o meio ambiente; preocupação ambiental; estudos e matérias sobre as indústrias poluindo o meio ambiente e como elas se comportavam, como era o tratamento de água, como era principalmente as lavanderias de jeans, a quantidade de água que se usava, começou-se então a se levantar uma bandeira a respeito de cuidados com o meio ambiente.

Então, principalmente a indústria têxtil, foi bastante cobrada, ou seja, a moda foi bastante cobrada sobre isso. As pessoas começaram a se enveredar por uma coisa chamada brechós e bazares, fora do país isso começou com mais força, no Brasil, ainda hoje existe bastante resistência, mas embora fosse um movimento lento, foi exatamente no início do século XXI que a gente percebe junto com a tecnologia, junto com tantos avanços, que surge também uma questão que é, "Por que não?" "Vamos cuidar do meio ambiente", "Vamos cuidar do planeta", porém um vilão chamado *Fast Fashion* entra na história para estragar um pouquinho o panorama, o cenário. Pois as roupas são feitas desenfreadamente, em grande escala e quantidade, e vendidas muito baratas. Mas para serem vendidas tão baratas, começou a se erguer uma sobrancelha - “Como?” - e esse movimento “curioso” começou a se fortalecer no mundo, quando aconteceu um marcante acidente em Bangladesh, começou-se o *Fashion Revolution*, mas anterior a isso, pode-se perceber que o movimento contra o *Fast Fashion* e o consumismo desenfreado, fez com que as pessoas pensassem a respeito de, por que não? Por que eu não posso customizar a minha roupa? Eu criar a minha própria roupa? Aquilo que ficou fora de moda, que era comprar um tecido e fazer uma roupa sob medida, bordar a roupa, fazer tricô, fazer crochê, começou a se

tornar recorrente, forte, recorrente.

Finalmente, temos na história um momento em que declaradamente estão denunciando marcas e indústrias que estão trabalhando de forma ilícita, então hoje a maioria das pessoas esclarecidas e conscientizadas, estão pensando a respeito de "quem fez minhas roupas?", afinal de contas, se foram crianças que trabalharam, se eu usar essa roupa eu estou assinando em baixo que eu concordo, uso e não estou "nem aí". Ou então se foram pessoas, famílias, que trabalharam em condições sub-humana, ganhando pouco e eu estou usando isso, eu também estou concordando com tudo isso. Então as pessoas começaram a indagar a respeito de onde vem a roupa, como ela foi feita, em que condições ela foi feita, e se souber que essa roupa foi confeccionada de uma maneira que empregou métodos que são contra seus valores, vão optar por não pagar barato, e o pior, as vezes nem são baratas, as vezes são caras, foi pago muito pouco para quem fez, mas foi vendida bem cara para quem comprou. (comunicação viva) ⁶

Então o que acontece?

É bem bacana a gente pensar nesse retorno do feito à mão, nesse *Slow Fashion*, que não significa moda lenta, muita gente acha que é "moda lenta", mas não é isso, significa o sentido contrário do *Fast Fashion*.

Erguer-se uma bandeira no sentido do "por que não uma roupa artesanal?", "por que não retornar ao, quero comprar um tecido, quero mandar fazer uma roupa", "eu quero comprar num bazar", "vou dar minha cara pra essa roupa", "quero bordar", "quero alguma coisa que tenha uma identidade", "se eu vou fazer uma viagem, eu quero saber que existe um artesanato local tão legal, que as pessoas vivem daquilo, e se eu usar vai ser bacana, eu vou contar a história de um povo também". É como se a gente estivesse retornando a alguns valores que os hippies plantaram, e que foram muito interessantes. É que na época a condução que eles levaram, foi bem extremista, mas a gente pode por exemplo, muito bem, quando a gente viaja pra algum lugar, apreciar o artesanato local, notar que as pessoas trabalham de uma maneira honesta, lícita, que vendem as suas coisas, sobrevivem com essas coisas, e é uma coisa diferenciada, bacana, e quando você usa, as pessoas ficam encantadas "nossa que lindo isso", e você conta a história daquela roupa, ela tem uma história. Enfim, a partir

⁶ Aula de História da Moda ministrada pela Professora Mestre Maria Alice Ximenes em 20 de março de 2018 na Fatec Americana

do momento que você começa a dar significado pra moda, a gente acaba construindo um mundo melhor pra moda, e não esse mundo onde associamos que o mundo da moda é perverso, é ruim, mas a gente pode fazer nossa história tão diferente.

3 INSUSTENTABILIDADE NA MODA

Para dar início a este capítulo, uma pergunta apresentada por PARODE e col. (2010), “Será que aqueles que produzem moda têm a devida noção da complexidade do sistema a qual estão inseridos?”. E completando, será que quem consome, compra, usa, também tem conhecimento de onde vem, como foi feito, quem fez suas roupas?

Sustentabilidade, segundo Leonard (2011), compreende em “atender às necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade de futuras gerações de atender as próprias necessidades”, ou seja, trata-se de atitudes, de consumo consciente.

Continuamos com a indagação que preservar o meio ambiente não é mais uma questão de opção, é uma questão de necessidade. O planeta está ruindo e pede socorro!

Vimos que hoje as pessoas estão questionando mais, e com isso, empresas estão cada vez sendo mais cobradas de transparência, de deixar claro seus processos.

Existiram 5 ondas de extinções no planeta, e os cientistas dizem que estamos vivendo a 6ª onda, e pela primeira vez é o homem que é responsável pela sua própria extinção (comunicação viva).⁷

O consumo desenfreado, ocasionando produções em massa, trabalhos desumanos, geraram um momento de preocupação.

Figura 42 - Sustentabilidade



Fonte: https://twitter.com/fash_rev_brasil

⁷ Palestra ministrada por Bruna La Serra em 23 de abril de 2018 no evento II Fashion Revolution da Fatec Americana (comunicação viva).

Uma em cada seis pessoas trabalha em algum setor da indústria mundial da moda. Fazendo dela a indústria mais dependente de trabalho na terra. (THE TRUE COST, 2015)

Figura 43 - Mulheres da Moda



Fonte: https://twitter.com/fash_rev_brasil

Mesmo com 80% dos trabalhadores sendo do sexo feminino, menos de 25% ocupam cargos altos em empresas do setor. São várias as mulheres que se levantam para uma mudança deste cenário. (PEREIRA,2018)

3.1 POLUIÇÃO POR INDUSTRIAS

A indústria têxtil está entre as mais poluentes do mundo.

Segundo BBC (2017), ela se encontra em 2º lugar no ranking, perdendo somente para a indústria petrolífera.

Ao longo da cadeia produtiva têxtil, os impactos ambientais envolvem contaminação do solo, consumo de água, de energia, emissões atmosféricas de poluentes e resíduos sólidos. (PORTOGENTE, 2014)

Ou seja, ela interfere no planeta como um todo, e os dados são assustadores.

As fábricas de moda consomem, sozinhas, mais de 130 milhões de toneladas de carvão para gerar energia, este trata-se de uma fonte de energia não-renovável e altamente poluente. (COLERATO, 2017)

Figura 44 - Poluição por indústrias



Fonte: https://twitter.com/fash_rev_brasil

Diante desses dados preocupantes, está surgindo um novo padrão. E as indústrias que quiserem se enquadrar, terão que adotar novas posturas, sejam essas de cuidados com o meio ambiente e também com a sociedade.

Assim PARODE e col. (2010) destaca:

“[...] a moda está buscando soluções mais sustentáveis e ecorresponsáveis para produzir seus produtos [...]. Hoje existe um processo coletivo indicando que a sociedade está em busca de soluções, que passam a ser: consumo social e ecologicamente corretos. Percebe-se, também, um discreto movimento na postura das indústrias, sinalizando a atenção para a compra de produtos com esse tipo de certificação.”

Algumas ações já começaram a ser tomadas. Algumas indústrias vem trabalhando no desenvolvimento de novas matérias-primas e tecidos. Outras tomam a postura de adotar fontes de energia renováveis (como exemplo a energia solar), e reutilizar água em seus processos. Entretanto, para as mudanças realmente acontecerem, é preciso que isso seja vistoriado, que isto esteja presente em leis. Para isso, medidas mais pesadas estão sendo impostas; leis mais severas estão em vigor; penalidades têm sido aplicadas, que vão desde multas à suspensão de atividades da empresa. “As questões ambientais começaram a ser tratadas com toda a seriedade que merecem.” (PARODE e col. 2010)

Vale ressaltar que está aumentando o número de empresas que introduziram um sistema de gestão ambiental.

O setor industrial, estigmatizado com um dos principais responsáveis pela grave situação ambiental do planeta e também pelas crescentes exigências legais, com relação a resíduos gerados, deve reagir proativamente, a partir da busca constante de uma qualidade ambiental, por meio da implantação de estratégias de gestão como: produção limpa, certificação ambiental, redução de resíduos, reciclagem e reuso dos recursos consumidos, entre outras medidas. (PARODE e col. 2010)

3.2 FAST FASHION

Visto que a indústria têxtil causa diversos malefícios ao planeta, temos um movimento que agrava ainda mais essa situação, trata-se do *fast fashion*. “Mas talvez o maior dano causado pela indústria da moda seja a tendência da ‘moda rápida’, marcada especialmente pelos preços baixos. O consumo multiplica os problemas ambientais”. (BBC, 2017)

Assim explica Marchioro (2010 p.126): “A expressão *fast fashion*, que em uma tradução literal significa moda rápida, é uma analogia aos termos *fast food*, porque é feita para ser consumida, digerida e descartada em poucos meses”. De outro modo, consiste em um sistema “descartável”. Possui um padrão de produção e consumo acelerado.

Esse modelo incide em analisar as roupas renomadas que serão lançadas e as que estão sendo consumidas, e produzir peças semelhantes, porém com a qualidade inferior. São produzidas em grande escala, praticam a “moda globalizada”, que se trata de distribuir as mesmas peças por toda a rede. Isso acarreta vender peças por valores muito menores do que a “original”. (ECYCLE, 2013)

A Clínica trabalho escravo (2017), explica que

[...] a descentralização da produção e negociações feitas em escala global, são a principal razão para entender como a indústria da moda criou um novo padrão de consumo, sustentado com base em um tripé: baixo custo de produção, rápido escoamento da distribuição e preços atrativos — anualmente, cerca de 80 bilhões de roupas são vendidas em todo o mundo, média superior a 11 peças por habitante da Terra.

O *fast fashion* gera impactos absurdos ao meio ambiente e social, pois para atingir valores baixos e rapidez nos seus processos, ele utiliza meios que agridem desde solo às mãos humanas.

Para acelerar produções de algumas fibras por exemplo, não se respeita o tempo devido de crescimento, utilizando fertilizantes e agrotóxicos. Para acelerar a produção do produto final, trabalhadores enfrentam jornadas de trabalho abusivas, incentivando o trabalho escravo e infantil.

Esta tendência, conhecida como “fast fashion” acabou criando pesados danos ambientais para o nosso planeta. Como os prazos de fabricação foram encurtados, o tempo disponível para os produtores de algodão fazerem crescer o algodão também encurtou significativamente, levando os agricultores a usarem toneladas de pesticidas e adubos químicos que tanto drenam e também contaminam as fontes de água circundantes. (CUNHA, 2015)

Figura 45 - Custo Fast Fashion

O custo da "moda rápida"

Uma

peça de roupa

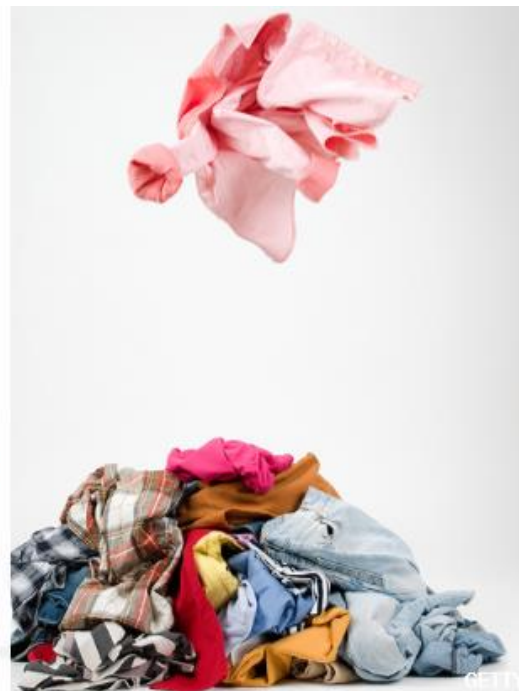
que usamos menos de **5 vezes**

e jogamos fora após **1 mês**

produz mais **400% de emissões de carbono**

que uma usada **50 vezes e mantida por 1 año**

Fonte: HBS



Fonte: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-39253994>

Como se não bastasse os impactos gerados, existe o grande problema do descarte.

Com a produção rápida, em grande quantidade e com pouca qualidade, as peças possuem um ciclo de vida muito curto, portanto, logo são descartadas em aterros e lixões.

Figura 46 – Fast Fashion



Fonte: https://twitter.com/fash_rev_brasil

3.3 TRABALHO ESCRAVO

Além de toda a degradação do ambiente citado, todos os impactos negativos que o sistema tem causado, ainda podemos relatar um problema extremamente sério. Pois ao contrário do que muitos acreditam, o trabalho escravo não foi extinto, e cada vez mais denúncias surgem, cada vez mais indústrias estão sendo desmascaradas por suas condutas de trabalhos ilícitos.

O estudo Global Slavery Index de 2016, da Fundação Walk Free, aponta que mais de 45 milhões de pessoas vivem sob alguma forma de escravidão moderna no mundo. A organização fez um ranking de 167 países levando em conta a porcentagem estimada da população vivendo sob escravidão: Camboja ficou na 3ª posição (1,65%); Bangladesh, na 10ª (0,95%); Indonésia, na 39ª (0,28%); China, na 40ª (0,25%); e, Vietnã, na 47ª (0,15%). O Brasil aparece na 51ª posição (0,08%) do ranking, e o setor de indústria têxtil e de confecções é um dos responsáveis pela estatística. (CAULYT, 2017)

Ou seja, o Brasil apresenta uma porcentagem bastante participativa.

Figura 47 - Escravidão Moderna



Fonte: https://twitter.com/fash_rev_brasil

De acordo com a Clínica de trabalho escravo e tráfico de pessoas da faculdade de direito da UFMG (2017), em 1990, a empresa NIKE foi acusada de utilizar trabalho infantil em fábricas na Ásia, e desde então, os processos de fabricação começaram a ser discutidos pela sociedade, porém só agora ganhando mais força, mas “o problema é que o questionamento costuma resistir apenas até a primeira promoção imperdível do shopping.”

Em 2009, a Superintendência Regional do Trabalho e Emprego – SRTE/SP ratificou o Pacto Municipal Tripartite Contra a Fraude e a Precarização, e pelo Emprego e Trabalho Decentes em São Paulo, que visa à promoção do trabalho digno na cadeia das confecções. O que começou a intensificar essa questão de trabalhos análogos a escravidão, porém, é possível notar que esta medida tomou melhor forma nos últimos anos, com fiscalizações mais rigorosas.

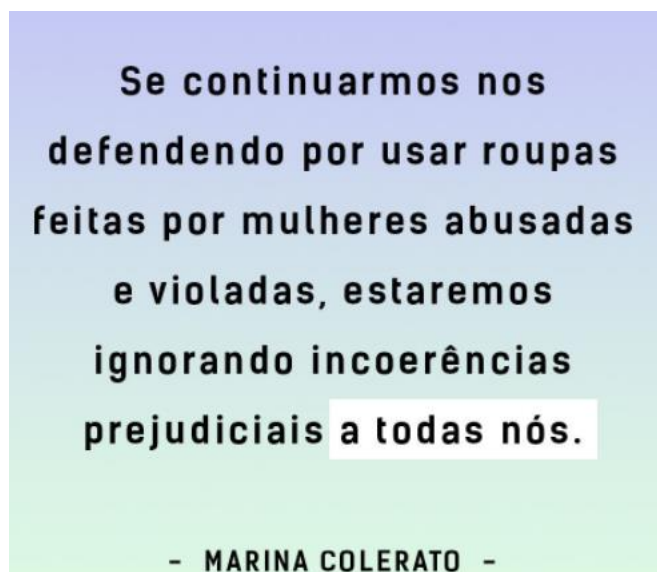
Uma tragédia em 2013 deu uma alavancada nesse quesito, que foi o desabamento do Rana Plaza em Bangladesh, matando 1.133 pessoas, trabalhadores têxteis. O edifício abrigava cinco fabricas de confecção de roupas, e empregava mais de 2mil trabalhadores, estes produziam para empresas como Walmart e Primark. Esses funcionários trabalhavam em regime análogo à escravidão e em condições distantes do padrão digno de trabalho para um ser humano, o salário mensal era de aproximadamente R\$ 360,00, com jornadas de trabalho de 10 horas durante seis dias da semana. (CLÍNICA TRABALHO ESCRAVO, 2017)

Nota-se que grandes empresas do setor têxtil, recorrem a conduzir suas produções em países como Bangladesh, Vietnã, Camboja e África, onde a competição por postos de trabalho mantém baixos salários, e conseqüentemente, margens de lucro mais elevadas. Segundo Pimentel (2017 apud CAULYT, 2017), presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), “esses países muitas vezes não seguem as regras da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ou, quando seguem, os governos pecam na fiscalização”.

Considerando que o Brasil tem a quarta maior indústria de confecção do mundo e a quinta maior têxtil. (CAULYT, 2017). E de acordo com informações da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit), quase 85% do vestuário consumido no país é produzido por fábricas instaladas aqui mesmo. Com faturamento de US\$ 55,4 bilhões em 2014, o Brasil é o quarto maior produtor de roupas do mundo, gerando 1,6 milhão de empregos — 75% da mão de obra é composta de mulheres. “O Brasil é o quarto maior produtor de roupas do mundo” (CLÍNICA TRABALHO ESCRAVO, 2017)

“Na indústria da moda como um todo, cerca de 80% das trabalhadoras são mulheres e menos de 2% delas ganham o suficiente para viver em condições dignas. Para ganhar mais, elas precisam fazer horas extras e chegam a trabalhar mais de 75 horas por semana” (COLERATO, 2017)

Figura 48 - Incoerências Prejudiciais



Fonte: https://twitter.com/fash_rev_brasil

Diante desses casos, mais casos foram sendo relatados, e cada vez esta mais explicito a utilização desse tipo de mão de obra, que tem como objetivo a maximização de lucro e vantagem do empregador acima de tudo.

Salários baixos, condições inseguras e desastres nas fábricas são todos “perdoados” por causa dos empregos necessários que criam para pessoas sem alternativas.

Tabela 01 – Cases Trabalho Escravo

MARCAS/EMPRESAS	DATA OCORRENCIA	AUTUAÇÃO	Nº TRABALHADORES
ZARA (grupo espanhol Inditex)	Agosto 2011 (terceira recorrência)	contratações ilegais trabalho infantil condições degradantes jornadas de até 16h diárias cobrança e desconto irregular de dívidas dos salários proibição de deixar o local de trabalho	52 estrangeiros
M. OFFICER	Novembro 2013	casa sem condições de higiene sem local para alimentação (obrigava a comerem sobre a mesma cama que dormiam) pagamento de todas as despesas da casa, descontadas do salário	um casal com dois filhos (Bolivianos)
	Maio 2014	condições degradantes jornadas exaustivas sala apertada sem ventilação, com fios expostos ao lado de pilhas de tecido e muita sujeira acumulada	6 estrangeiros bolivianos
RENNER	Novembro 2014	alojamentos em condições degradantes jornadas exaustivas servidão por dívida aliciamento tráfico de pessoas	37 estrangeiros bolivianos
MARISA	Março 2010	Nenhum trabalhador com carteira de trabalho assinada cobranças ilegais de passagens da Bolívia para o Brasil fortes indícios de tráfico de pessoas endividamentos por meio de descontos indevidos salários de R\$202 e de R\$247, menos da metade do salário mínimo (na época, R\$ 510)	16 bolivianos (um com meos de 18 anos) e um jovem peruano
NIKE (CONVERSE/ALL STAR)		salário de um dolar por dia punições por atraso = correr ao redor da fábrica trabalho infantil	trabalhadores em países asiáticos
BROOKSFIELD DONNA (marca de luxo Via Veneto)		jornadas de mais de 12h diárias porta de saída trancada sem extintores de incêndio condições degradantes	5 bolivianos (uma menor de 14 anos, mais duas crianças)
PERNAMBUCANAS	Abril 2011 (segunda recorrência)	degradação do ambiente servidão por dívida jornada exaustiva de mais de 60h semanais média de salário R\$400,00	16 bolivianos (dois adolescentes de 16 e 17anos)
COLLINS	Agosto 2010	jornada de 18h diárias (sem intervalo p/ refeição) salário de R\$480	1 pessoa
	Maio 2011	documentos do funcionário retido permissão de um banho por semana	11 pessoas
RIACHUELO	sendo acusada no momento	salários menores que o mínimo jornadas exaustivas	
e mais: LE LIS BLANC E BO.BÔ / HIPPYCHIC MODA INFANTIL (LOJAS AMERICANAS) / GREGORY / CORI, EMME, LUIGI BERTOLLI (grupo GAP no Brasil) / UNIQUE CHIC / 775 / TALITA KUME / AS MARIAS / SEIKI / ATMOSFERA / FENOMENAL / GANGSTER ...			

Fonte: <http://reporterbrasil.org.br/2012/07/especial-flagrantes-de-trabalho-escravo-na-industria-textil-no-brasil/>

Por incrível que pareça, a legislação brasileira é considerada uma das mais avançadas do mundo no combate ao trabalho escravo contemporâneo. Esse tipo de crime é caracterizado partindo de quatro situações: jornada exaustiva, servidão por dívida, trabalho forçado e condições degradantes no ambiente laboral. (CLÍNICA TRABALHO ESCRAVO, 2017)

Em um relato, a Clínica de trabalho escravo e tráfico de pessoas da faculdade de direito da UFMG (2017) diz que

De acordo com dados do Ministério Público do Trabalho (MPT), dos 14 termos de ajustamento de conduta realizados em 2015 em São Paulo por condições análogas à escravidão, dez eram referentes a empresas do setor têxtil — nesses termos, os autuados se comprometem a resolver o problema ou compensar danos e prejuízos já causados. “Verificamos que não adianta responsabilizar a última camada da cadeia produtiva, já que aquele dono de uma oficina da periferia de São Paulo não é quem realmente lucra com a exploração”, diz a procuradora do trabalho Christiane Vieira Nogueira, vice coordenadora do Conaete. “Também é necessário responsabilizar as grifes, que exercem um controle muito grande no modelo de produção.”

Através de todas essas informações, vemos que não adianta só existir leis ou órgãos responsáveis pela fiscalização, é preciso que todos estejam engajados na mesma causa, de donos de pequenas à grandes empresas, de consumidores de todas as classes, pois não é só em “moda barata” que essa exploração acontece, marcas de luxo também estão sendo desmascaradas.

Figura 49 – Modelos de Negócios



Fonte: https://twitter.com/fash_rev_brasil

3.4 CRUELDADE ANIMAL

Após analisar vários impactos causados pela massificação da cadeia têxtil, ainda podemos citar uma outra parcela do planeta que também é atingida, e não é de hoje, retomando a antiguidade, onde o pelo de arminho era algo muito utilizado pela realeza, ocasionando o perigo de extinção da espécie, animais ainda sofrem com a exploração de suas peles e pelos.

Sim, de peles também, pois não é só a indústria de pelo que é “cruel”, a indústria da pele implica também na morte de milhões de vacas e porcos, cobras e crocodilos. Assim também como plumas de pavão e outros pássaros (esses principalmente usados durante o carnaval).

Anualmente, centenas de milhões de coelhos, raposas, martas, chinchilas, guaxinins, furões, esquilos, cães, gatos e outros animais são criados e mantidos em condições miseráveis em jaulas das chamadas “quintas de peles”, estando condenados a uma morte brutal para que as suas peles e pelo sejam usados em casacos, coletes, relógios, sapatos, malas, brincos e em várias outras peças de roupa e acessórios. Estes animais são as verdadeiras “vítimas da moda”. (ANIMAL, 2011)

“Embora cruel e polêmica, esta é uma atividade que se desenvolve em todo o mundo”, conclui a Animal (2011).

Trata-se de um assunto já muito discutido e com grande número de protestos feitos, porém famosas ainda ostentam o uso desse material.

Figura 50 – Famosas X Pelo animal



Fonte: <https://followthecolours.com.br/style/a-industria-das-peles-de-animais-o-sofrimento-e-a-moda/>

Para a obtenção desse material, há uma maneira totalmente impiedosa, pois, a grande maioria consiste em retirar a pele com o animal ainda vivo. E a quantidade necessária de animais para a confecção de uma peça é absurda, exemplo, 100 chinchilas ou 40 raposas são necessárias par fazer um casaco de tamanho médio. (ZURI, 2016)

Ainda de acordo com Zuri (2016), um dos pelos mais utilizados em todo o mundo, trata-se do pelo do coelho. Este, muito procurado por ser macio e quente. E, mesmo que não ameaçado de extinção, tem toda a crueldade da obtenção do pelo por trás disso. E diante dessas fatalidades, ONGs, a favor dos coelhos são criadas para proteger esses animais. A GAC⁸ é uma delas.

Figura 51 – Casaco pelo de coelho



Fonte: <http://www.nettendencias.com/casacos-de-pele-de-coelho-moda-inverno-2014/>

Segundo Zuri (2016), diante de tantos protestos e incitado por retaliações, a famosa marca Armani, muito conhecida pelo uso de pelos animais em suas coleções, se comprometeu em abolir totalmente esse tipo de material.

Assim, visando alertar essa crueldade desnecessária, que serve apenas para inflar o ego, a ONG pelos direitos dos animais PETA⁹, lançou uma chocante

⁸ GRUPO DE APOIO AOS COELHOS – GAC. (Campinas-SP)

⁹ PEOPLE FOR THE ETHICAL TREATMENT OF ANIMALS – PETA

campanha “Por Trás do Couro”. No comercial, uma loja sofisticada em um shopping da Tailândia expõe artigos de couro exótico (de cobras e jacarés), e ao abrir, uma bolsa por exemplo, se depara com um coração do animal pulsando, ao vestir uma bota, sente-se sangue dentro dela. (DEARO, 2016)

Em pleno século 21, o ser humano não tem direito de torturar e matar outras espécies e a moda não deveria usar cruel e sangramento meio em nome da indústria da vaidade. (ZURI, 2016)

Ou seja, a moda deveria percorrer um caminho leve, limpo de crueldade. E não ser costurado às custas de seres em prol apenas de status e satisfação pessoal.

Como já visto em toda a história da humanidade, roupas são muito mais que isso. Roupas são expressivas, e não deveriam expressar esse mundo cruel e mãos sangrentas.

4 CONTRA-MÃO: “ENTRE A TECNOLOGIA E O HANDMADE”

Diante de todo conhecimento adquirido até o momento, dos primórdios das atividades têxteis manuais, percorrendo por todos os malefícios que a saturação de processos e consumo excessivo tem causado em nosso planeta, nos vemos na obrigação de transformar nossas atitudes, recorrer a valores esquecidos e nos apegar em ter uma consciência mais tranquila.

Afinal, assim como diz Leonard (2011):

Tecnologias “verdes” não nos salvarão, pois representam apenas parte do quadro. Nosso impacto coletivo no planeta resulta de uma combinação de número da população, tipos de tecnologias empregadas e quantidade de consumo.

Portanto, está em nossas mãos um desenvolvimento mais consciente. Que este deve consistir em bem-estar humano e ambiental. Se infraestrutura, urbanização e consumo comprometerem esse bem-estar, trata-se de destruição. (LEONARD,2011)

Para mudar as perspectivas de vida no planeta, devemos então radicalizar. “Reduzir a demanda dos materiais extraídos, aumentar eficiência e a produtividade dos recursos usados e estimular programas de reutilização e reciclagem”. (LEONARD, 2011)

Ou seja, é necessário mudanças profundas para acabar com a crise de esgotamento global de recursos naturais e evitar suas consequências.

Nosso pensamento sobre os recursos necessários para a produção de uma camiseta de algodão por exemplo, é muito vago, se formos pensar em todo o processo, entenderíamos melhor os motivos desse esgotamento de recursos. Esquecemos de nos perguntar como foi produzida, de onde veio e para onde irá quando descartá-la. Vamos lá, pensar em todo o processo utilizado na plantação e colheita do algodão, desde maquinários e os processos de fabricação para tais; fertilizantes que agredem a terra e lençóis freáticos; a água para irrigação; trabalhadores; todo o processo de transporte desses materiais, os gases emitidos por esses meios de transportes; todos os processos englobados para transformar esse algodão em fibra, tecido, toda a energia utilizada; no caso de tingimentos, a água utilizada e descartada muitas vezes de forma errada em rios; todo o processo dentro

de uma confecção, novamente todos os maquinários necessários e seus respectivos processos de produção, toda a mão de obra do costureiro; as embalagens; mais uma vez os meios de locomoção desse produto; enfim, até chegar as prateleiras de sua loja preferida. Viu como o processo é muito mais complexo?

Talvez você não sinta que está tendo um impacto direto, mas ao comprar uma simples camiseta de algodão, o impacto que você causa é um panorama mais amplo no mundo como um todo.

Portanto, a moda não deve e nunca poderia ser pensada e tratada como um produto descartável. (THE TRUE COST,2015)

4.1 SLOW FASHION

Primeiramente, é bom esclarecer que *Slow Fashion* não significa “moda lenta”, mas sim que significa o contrário de *Fast Fashion*, como já comentado. “Na contramão de roupas massivas e de baixa qualidade” (QUEIROZ, 2014), o *Slow Fashion* propõe um consumo reduzido e consciente.

Esse movimento teve como inspiração o movimento *Slow Food*.¹⁰ Assim explica Miranda (2014),

Assim como em relação à nossa alimentação, ele incentiva que tenhamos mais consciência dos produtos que consumimos, retomando a conexão com a maneira em que eles são produzidos e valorizando a diversidade e a riqueza de nossas tradições.

Com um ritmo acelerado e frenético que estamos vivendo, onde a tecnologia nos deixou conectados demais, com informações demais, e ironicamente nos deixou desconectados com outros valores, de uma maneira mais profunda com as pessoas e com nós mesmos, o *Slow* aparece para nos fazer respirar mais aliviados, tranquilos, mostrando que “o menos é mais”, que temos e podemos nos dar tempo de nos apegar a mais detalhes, produzir com mais qualidade, com mais consciência. Pois ele incentiva essa tomada de tempo, tempo para pensar melhor, afim de agregar mais valor ao produto. Nos faz ter o pensamento tão comentado, sobre o impacto que

¹⁰ Movimento começou na Itália na década de 80, para se impor ao *Fast Food* (comida rápida e prejudicial à saúde), que prevê a criação de pratos conectados com a história e ingredientes locais. Dando origem a outros movimentos como o *Slow File* no Japão, com base na sustentabilidade impondo mais qualidade de vida, mais experiências. E o *Slow Fashion*.

nossas escolhas causam no ambiente e nas pessoas, afim de através dele reduzir impactos negativos e gerar impactos positivos.

De acordo com Miranda (2014), o *Slow* cria uma ruptura nos valores do *fast fashion*, desse “mais, mais e mais”, e incentiva que qualidade é mais que quantidade, resgata os valores que uma roupa possui, retirando a imagem de produto descartável, e que não se trata de uma fonte de superação de frustrações.

Afinal, o mundo tenta nos impor que a forma de resolver todos os problemas da nossa vida é através do consumo., nos abitolando de coisas desnecessárias, que logo serão descartadas. Basta olharmos nos lixões, e poderemos ver a quantidade de roupas e tecidos descartados, onde a grande maioria não é biodegradável, levando em média 200 anos para se decompor (THE TRUE COST, 2015), se acumulando como uma sombra suja da indústria do *fast fashion*.

Esse movimento visa manter vivos os métodos tradicionais de fabricação, como por exemplo o feito à mão e as técnicas de tingimentos naturais; preza pela diversidade; prioriza o local em relação ao global; promove consciência socioambiental; contribui para a confiança entre produtores e consumidores; prática preços reais que incorporam custos sociais e ecológicos e mantém sua produção entre pequena e média escalas. Realça o prazer da variedade e da importância cultural. Desmitificar que todos devem usar a mesma coisa, ou caso contrário, você será julgado, “o conceito desafia então essa obsessão da moda rápida com a produção em massa e estilo globalizado e promove diversidade e democratização da moda.” (ECYCLE e MIRANDA, 2014)

Porém, diferente do *fast fashion*, possuem um valor justo, não tão barato, mas também não caro ao se pensar a longo prazo. Pois utiliza de mão de obra legal, com boa remuneração aos trabalhadores envolvidos no processo e materiais de qualidade, tecidos naturais, fazendo durar muito mais, ao contrário de peças descartáveis em meses de uso. Assim completa Miranda (2014),

O preço das roupas reflete seu custo real. Os preços são muitas vezes maiores porque eles incorporam recursos sustentáveis e salários justos. Mas é só pensar no número de vezes que iremos usar essas roupas e nos incomparáveis caimentos e qualidade que vemos que o investimento vale muito a pena!

Figura 52 - Slow Fashion X Fast Fashion



Fonte: <https://agenciaprefixo.com/2017/05/19/economia-criativa-na-moda-geracao-de-renda-e-consumo-consciente/>

Portanto, o movimento apresenta características bem marcantes, e segundo Ecycle (2013), para melhor entendimento, serão apresentadas:

- a) **Valorização de recursos locais:** ao contrário do *fast fashion* que apresenta uma moda globalizada, padronizada, “engolindo” pequenos produtores, o *slow fashion* age dando maior reconhecimento a esses produtores locais, distribuindo a economia, quebrando a produção de produtos idênticos em grande escala, estimulando-os e utilizando tudo que está disponível local da melhor forma possível, reduzindo os malefícios causados por meios de locomoção como carros, caminhões, causadores de liberar gases nocivos.
- b) **Sistemas de produção transparentes com menos intermediação entre produtor e consumidor:** diferente de grandes marcas e nomes que escondem seus reais produtores (na maioria com trabalhos ilícitos como já citados), o movimento *slow* aproxima o consumidor do produtor, e com menos intermediações, aumenta-se o vínculo entre as partes, onde “produtores sentem a responsabilidade de produzir com qualidade, pois os produtos serão

- consumidos por pessoas que eles conhecem, e os consumidores sentem uma responsabilidade em relação aos produtores, que são membros de sua comunidade”.
- c) **Produtos sustentáveis e sensoriais:** consiste em criar produtos com uma vida útil mais longa (não os temporais da moda) e mais valorizados. Peças que “carregam uma história, origem, gosto, toque, cheiro, que sejam feitos especialmente a mão e que ofereçam algo específico do indivíduo em termos de ajustes e aparência”, que não sejam descartados facilmente, pois pode-se fazer uma reciclagem em cima dele, renovando e mantendo sua longevidade funcional e o permanecendo “na moda”.
 - d) **Questionamento à noção da moda que se ocupa exclusivamente do “novo”:** “mais atenção ao interesse do consumidor em roupas usadas, em design personalizado e reciclagem”.
 - e) **Desafio ao embasamento da moda exclusivamente na imagem:** “o *slow fashion* desafia a moda a reorientar a qualidade de seus produtos de maneira que a confecção do vestuário leve em conta aspectos integrais e não apenas a aparência.”
 - f) **Moda é escolha e não um mandato:** “com a atuação da indústria globalizada que domina o mercado e padroniza a moda, a escolha por produtos diferentes é inviabilizada. O *slow* é uma alternativa que promove maior liberdade na escolha dos produtos.”
 - g) **Atuação colaborativa/cooperativa de trabalho:** “Especialmente no caso das mulheres, que formam um contingente significativo no ramo têxtil, o movimento *slow fashion* preza pela formação de cooperativas capazes de promoverem a colaboração entre os agentes da cadeia têxtil - uma forma de gerar um comércio mais justo.”
 - h) **Criação socialmente responsável e distribuição econômica:** “A produção valoriza os recursos locais; elimina hierarquias entre estilistas, produtores e consumidores; evita intermediários na cadeia de distribuição e possibilita a melhor distribuição econômica entre os agentes da produção. Como o *slow fashion* não se preocupa com a produção em massa, ou seja, o escoamento e descarte rápido das peças, é possível desenvolver artigos a preços justos que

internalizem custos sociais e ecológicos da produção, valorizando os produtores.”

Ou seja, trata-se de um movimento fantástico que tende a mudar, ou melhor, transformar a forma de consumo. Pois ele não é “contra o consumo”, mas sim a favor de um consumo consciente, afinal, a medida que nos aproximamos de certa forma, da degradação das espécies, da destruição do último pedaço de natureza virgem, nos vemos obcecados em produzir mais e mais, e consumir mais e mais produtos descartáveis, não faz sentido!

Porém, o *Slow Fashion* não deve ser confundido com a alta-costura¹¹, pois se diferem em conceitos, uma vez que a alta-costura é voltada para uma classe mais alta, e o *slow fashion* é mais eclético e acessível a todos os públicos. (FRAGA, 2014, apud QUEIROZ, 2014)

Outro movimento que também caminha junto com o *slow*, porém se difere em conceito, é a moda ecológica, conforme explica Godoy¹² (2014 apud QUEIROZ, 2014) “o conceito de moda sustentável se centra na busca de práticas ecológicas à indústria da moda, por outro lado o *slow fashion* se relaciona a um estilo de vida, ao consumo de produtos locais e artesanais.”

Slow é uma revolução, uma alternativa para a nossa obsessão com a velocidade. Você vê mais quando encara as coisas de um jeito mais lento, como você percebe cada pequeno detalhe quando um filme é mostrado em câmera lenta. O *Slow* pode se manifestar em qualquer design, objeto, espaço ou imagem que encoraja a promoção de artesãos, designers e sabores locais. É uma ideia interminável que dá pra fazer você mesmo, de qualquer jeito que quiser. O *Slow* funciona para contrariar a vida rápida e o desaparecimento das tradições locais. Em um mundo barulhento, lotado e louco, é bom para a alma ter uma vida melhor, vivendo mais devagar. (MIRANDA, 2014)

4.2 INTERESSE NA PERSONALIZAÇÃO

“O homem não quer ser só mais um, ele quer ser apenas um”, diz Ari Rehfeld, professor de psicologia da PUC/SP (apud MARCHIORO, 2010).

No meio de tanta padronização, dessa massificação que o *fast fashion* impõe, surge a necessidade de tornar-se “diferente” no meio de um todo. O homem sente

¹¹ Para ser considerada alta costura, a peça precisa ser 90% feita a mão e totalmente exclusiva. (FRAGA, apud QUEIROZ, 2014)

¹² Marcela Godoy, cofundadora e chefe de projetos do Primer Congreso Latino-americano de Ecodiseño, que aconteceu no Chile em outubro de 2014, reunindo estilistas e empresas da América Latina e da Europa.

essa necessidade de se destacar. “Em tempos de conformismo e superpadronização da moda, a opção pelo diferente é uma atitude política” (MARCHIORO, 2010)

E como em todo o decorrer da história, sempre que surge a necessidade de um “enfeite”, uma personalização, eis que aparece uma intervenção manual. E através de um bordado, um detalhe feito à mão, essa personalização se funda.

A personalização, a busca pela diferenciação pode se dar também com o retorno da procura aos ateliês de costura. “Quase meio século depois, o costume de encomendar roupas está de volta e com novo status”, afirma Marchioro (2010).

O sob medida surge como uma alternativa ao *fast fashion*, uma alternativa contra a padronização em massa. O consumidor sente prazer em vestir algo que foi feito exclusivamente para ele, que serve perfeitamente em seu corpo, mesmo que para isso tenha que pagar um valor mais alto do que os oferecidos nas grandes redes varejistas. Sem contar, um outro diferencial desse sistema, que consiste em um melhor atendimento, uma vez que o contato entre o consumidor e o produtor é direto.

Mais uma vez podemos notar o retorno de valores esquecidos, pois de acordo com João Braga ¹³(apud MARCHIORO,2010), “os ateliês foram febres até a década de 60, quando a contracultura e o movimento jovem impuseram a fabricação da moda em série”, e como podemos observar também na linha do tempo no segundo capítulo.

Lembrando também que, ao adicionar ou realizar um trabalho manual, mesmo que você reproduza esse trabalho outras vezes, ele não ficará idêntico ao outro, pelo próprio motivo de ser algo feito pelas mãos humanas, e não de uma máquina. Logo, sempre teremos peças exclusivas.

4.3 RESGATE DE ETNIAS

Retornando aos primórdios das vestimentas, identificamos que vestir vai muito além; no vestir você pode ler a história de um povo, suas conquistas e derrotas, suas crenças religiosas seus valores e seu comércio. (KENNETT, 1995)

Perante toda essa loucura do consumo excessivo, muitos valores foram perdidos, e a valorização da cultura de um povo, uma região, a tradição de uma maneira única de se vestir, foi atropelada pela massificação da moda. Porém, com as

¹³ Professor de História da Moda.

mudanças que começamos a ver surgir, esse resgate de tradições está começando a mostrar a cara.

Os artefatos éticos são as principais fontes de renda de pequenos produtores locais, que vão de encontro com o maior interesse dos viajantes de todo o mundo, como o prazer de adquirir um produto específico daquele lugar, onde através dele, o consumidor poderá retratar um momento vivido, como forma de eternizar determinado momento em uma peça, ou até mesmo presentear algum ente querido demonstrando a lembrança que trouxe do lugar visitado, os famosos *souvenirs*.¹⁴

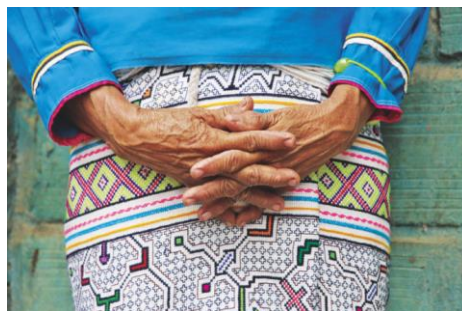
Já os nativos de cada região, (alguns onde a moda globalizada não conseguiu dominar) estes que mantêm seus costumes, mostram através de suas vestes que fazem parte daquilo. Que usando sua vestimenta tradicional “afirmam experiência acumulada”. (KENNETT, 1995)

Em alguns povos podemos notar essa riqueza de tradições culturais e cada vez mais essas artes conquistam novos admiradores.

Na Amazônia peruana, por exemplo, temos a tradição labiríntica do Kené, um bordado mítico feito à mão pelo povo shipibo, inspirado pela cultura do chá de ayahuasca, e este revela uma arte fascinante. Mulheres tomam o chá e simbolizam suas visões através de linhas coloridas bordadas. (MESQUITA, 2013)

Porém, de acordo com Mesquita (2013), essa tradição está ameaçada por causa de influências externas na comunidade. Mas, felizmente o governo Peruano, em 2018, declarou o kené shipibo como patrimônio nacional cultural, quem sabe assim, conseguindo preservar esse bordado tão expressivo.

Figura 53 - Bordado Shipibo

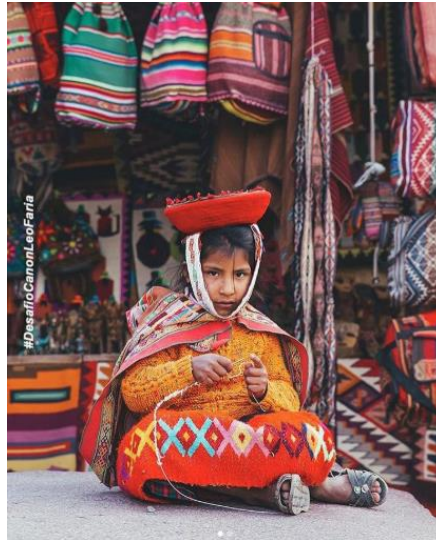


Fonte: <https://www.revistaplaneta.com.br/labirinto-shipibo/>

¹⁴ Termo francês que significa "memória", é um objeto que resgata memórias que estão relacionadas ao destino turístico.

Como podemos ver, o Peru está entre esses povos com muita riqueza cultural. Passando seus ensinamentos através de gerações.

Figura 54 - Menina peruana



Fonte: https://www.instagram.com/gabe_pompeo/

Figura 55 - Mulheres artesãs peruanas



Fonte: <https://www.instagram.com/japatattoos/>

Ser sustentável consiste também em ajudar os produtores locais, o comércio local. É incentivar esses pequenos artesãos, costureiras, bordadeiras. É valorizar o trabalho minucioso e dedicado desses trabalhadores que através de suas mãos, transformam linhas, fios em verdadeiras obras de arte. É colaborar para manter

viva essas tradições, que assim como o ensinamento dos Híppies, manter essa comunhão entre os povos.

Um ícone que valorizava absurdamente essa questão era a artista plástica Frida Kahlo, que usava roupas com bordados típicos de várias regiões do México para exigir politicamente sua “mexicanidade”. É notório a presença rica em bordados.

Figura 56 - Bordado Frida Kahlo



<https://www.agambarra.com/o-estilo-e-o-guarda-roupa-de-frida-kahlo/>

Frida sempre foi apaixonada pela cultura e tradição de seu país e não hesitava em mostrar isso por meio de seus trajes, adereços e cores vibrantes, além da sua pintura.

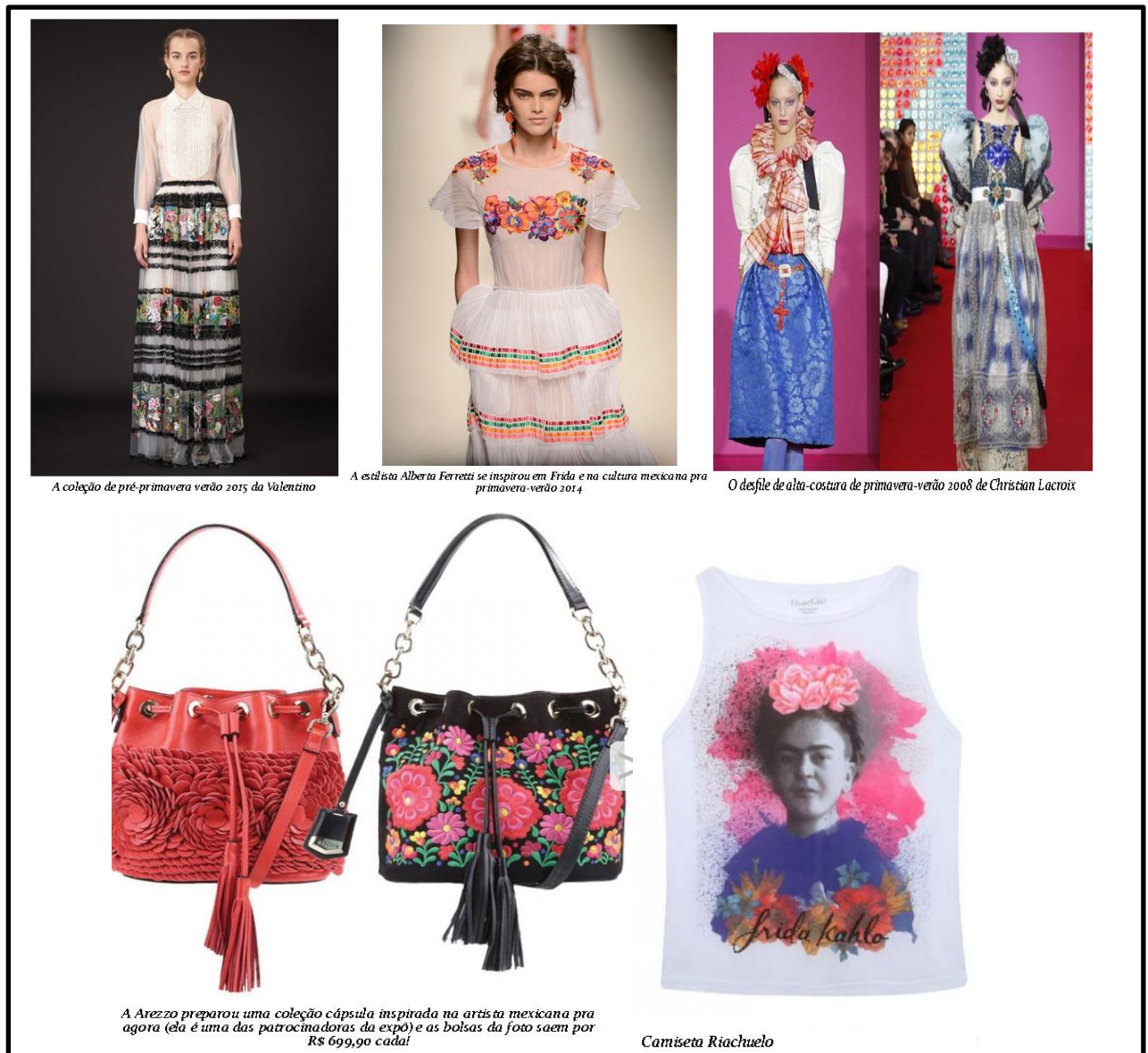
Figura 57- Roupas Frida Kahlo



<https://www.agambarra.com/o-estilo-e-o-guarda-roupa-de-frida-kahlo/>

Suas vestimentas foram dignas de exposição em museu e nomes como Jean Paul Gaultier, Valentino, Christian Lacroix, Moschino, Pat Bo, Alberta Ferreti, Marc Jacobs, Maya Hansen, Cavalera, Arezzo, Riachuelo, tiveram coleções inspiradas em Frida. Ou seja, suas referências podem ser vistas desde a alta costura ao *fast fashion*.

Figura 58 - Inspirações Frida Kahlo



<https://www.lilianpacce.com.br/moda/fashionteca/16-vezes-que-frida-kahlo-influenciou-a-moda/>

A famosa revista Vogue também apresentou capas e editoriais inspirados em seu estilo marcante.

Figura 59 - Vogues inspiradas em Frida Kahlo



Karlie Kloss fotografada por Mario Testino pra "Vogue" americana de julho de 2012



Editorial inspirado em Frida na "Vogue" México de abril de 2011

<https://www.lilianpacce.com.br/moda/fashionteca/16-vezes-que-frida-kahlo-influenciou-a-moda/>

A partir daí, é possível notar um grande interesse atual por essa valorização étnica. Uma força estimulante aos produtores locais é representada.

4.4 APRENDIZADO MANUAL

Finalmente estamos em um momento na história, onde o feito à mão, não se trata somente de uma obrigação da mulher para ser bem reconhecida como um “bom partido”, época onde saber bordar, fazer crochê ou tricô, costurar consistia em afirmar que estava apta ao matrimônio; onde essas práticas manuais eram predicados intrínsecos à aquelas que almejavam se casar, como em vários momentos na história. Mas sim faz parte de uma escolha, uma opção.

A questão é que, durante muito tempo, o peso da tradição foi, de pouquinho em pouquinho, arrefecendo o interesse da mulher moderna pelo ponto-cruz. Tanto é que os trabalhos manuais, assim como os domésticos, foram apresentando um histórico de desvalorização que se intensificou nos anos 60, quando nós nos distanciamos dessas práticas para alcançarmos reconhecimento no mercado de trabalho. E como quase tudo nessa vida, a atividade precisou de muita curiosidade e empenho para ser redescoberta e ressignificada no contexto de uma mulher que passou a utilizá-la como um instrumento de empoderamento e de próprio sustento, muitas vezes, não de submissão – como na época das nossas mães e avós. (STEVANUX, 2016)

Portanto, hoje cada vez mais jovens estão procurando se especializar em bordados, crochês, e o propriamente dito corte e costura. Essas peças perderam a aura de “feita pela vovó”, e migraram para a moda que valoriza cada vez mais a exclusividade que o *handmade* proporciona.

Cansadas da imposição do *fast fashion*, em busca de sua própria personalização, e a vontade de mostrar através de suas vestes seus valores, o *handmade* começa a ganhar espaço e reconhecimento.

E esse estilo não se limita à pequenas costureiras ou bordadeiras; renomadas marcas e estilistas estão aderindo e mostrando isso em suas vitrines e coleções.

Como um exemplo muito recente, temos o estilista Gustavo Silvestre, que desfilou na última edição do São Paulo Fashion Week (N45) uma coleção toda feita em crochê, e o mais curioso, esse trabalho foi todo executado por detentos da penitenciária Adriano Marrey. (YAHN, 2018).

Silveiro conseguiu através desse projeto, chamado de Ponto Firme, romper preconceitos e a ideia de que só mulher pode realizar esses tipos de trabalhos manuais. E ainda conseguiu dar esperança e nova perspectiva aos detentos envolvidos. (MARCO, 2018). Sentenciados puderam através de suas peças contar histórias de vida e mostrar o poder de transformação que um “simples” trabalho manual pode ocasionar na vida de quem o pratica, sendo mais do que apenas um trabalho, mas uma forma de linguagem.

Figura 60 - Projeto Ponto Firme



Fonte: <http://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/n45/ponto-firme/1692875/colecao/27/>

Além do crochê, nosso país possui um estilo de renda muito marcante e conhecido, toda feita a mão, a renda renascença (pág. 23) se mantém viva através das mãos de rendeiras do nosso Nordeste. E é fonte de renda para essas mulheres e suas famílias. E com o intuito de fortalecer, organizar e melhorar a vida dessas artesãs, cooperativas vem sendo criadas. (PORTAL SEMEAR)

Figura 61 - Rendeiras nordestinas



Fonte: <http://talentos.portalsemear.org.br/arca-juventude-local-e-rendeiras/>

Ou seja, vemos um costume que antes abandonado pela modernidade, tomando uma nova forma. Sem a imposição do passado, e sem distinções de gêneros, faixa etária, econômica ou social.

E falando de economia, a empresária Fernanda Aguiar (apud IVO, 2017), afirma que uma das grandes causas do aumento de procura pelo aperfeiçoamento dessas técnicas, se dá pela crise em que o país se encontra, onde muitas pessoas tiveram que repensar sobre suas carreiras, e criar novas alternativas para gerar uma fonte de renda, olhando para o mundo da moda como uma boa oportunidade.

De acordo com Duarte (2017), uma outra causa desse aumento na procura, está relacionada a flexibilidade e diversidade que essas técnicas vêm apresentando no modelo contemporâneo. Pois antes tratava-se de uma técnica mais regrada, cheia de padrões, mas hoje apresenta um modelo mais livre, proporcionando liberdade de expressão através das criações. Onde através desse trabalho, as pessoas possam enxergar novas alternativas, seja pra superar um momento difícil, como uma forma de meditação, uma “válvula de escape” do estresse cotidiano; ou realmente para

transmitir mensagens de nosso tempo, onde geralmente estávamos acostumados a ver somente desenhos ingênuos.

Crochê e tricô também têm dado conta da manifestação de outros artistas, que utilizam essa forma de artesanato de maneira bastante diferente daquela tradicional da vovó e, com isso, extrapolam as barreiras domésticas. (DUARTE, 2017)

“A ideia é se expressar pessoal e politicamente, porque a gente vem numa [época] de muita tecnologia, então é preciso resgatar algumas práticas manuais para equilibrar “, revela Karen Dolorez ¹⁵(apud DUARTE, 2017), assim como também afirma Steveaux (2016):

Num mundo de coisas pré-fabricadas e prontas para serem consumidas, fazer algo com as próprias mãos não deixa de ser uma forma de colocar um pouco de si, da própria personalidade, no que é feito. O interesse pela atividade vai de encontro à necessidade de equilibrar melhor os excessos do dia a dia – o gatilho pode ser ativado de diversas formas: pela curiosidade ou pelo resgate da memória que ficou estancada na infância.

Renata Dania (Apud STEVEAUX, 2016) conclui que “os maiores diferenciais do feito à mão vão desde o tempo dedicado à confecção, até compra consciente, inovação e exclusividade”.

Então o resgate dessas práticas manuais vem acontecendo porque as pessoas estão descobrindo que podem fazer do jeito delas, que “a revalorização da prática escancara que uma mulher não precisa mais ter predicados para se casar, quando ela mesmo, solteira ou casada, pode ser o sujeito de sua própria vida. (STEVAUX, 2016)

Figura 62 - Bordado Subversivo



Fonte: <https://claudia.abril.com.br/noticias/conheca-as-meninas-que-fazem-do-bordado-uma-maneira-de-se-empoderar/>

¹⁵ Artista paulistana da obra “O mar em mim”, que mescla linhas entrelaçadas por agulhas com grafite.

4.5 FASHION REVOLUTION

Acompanhando todo o desenvolvimento do *slow fashion*, o *Fashion Revolution* é um movimento criado por um conselho global de líderes da indústria da moda sustentável, ativistas, estudantes, trabalhadores e pessoas engajadas, que se uniram após o desabamento do edifício Rana Plaza em Bangladesh no dia 24 de abril de 2013, onde operavam empresas do ramo têxtil, produzindo para grandes marca de *fast fashion*, abrigando trabalhadores em condições análogas à escravidão, e que deixou 1.133 mortos e 2.500 feridos. (FASHION REVOLUTION ORG)

Portando, esse acontecimento foi marcado como um dos maiores desastres industriais da história, e através dele, foi exposto o lado obscuro da moda, e como seus processos podem ser cruéis e exploratórios.

Figura 63 - Tragédia Rana Plaza



Fonte: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/asia/mortos-se-aproximam-de-mil-veja-fotos-marcantes-da-tragedia-em-bangladesh,92491d280798e310VgnVCM500009ccceb0aRCRD.html>

Presente em mais de 90 países, essa campanha surgiu com o objetivo de aumentar a conscientização sobre o verdadeiro custo da moda e seu impacto em todas as fases da produção e consumo. Mostrando que é possível uma mudança para criação de um futuro mais sustentável. (FASHION REVOLUTION ORG)

Sua atuação é dada através da educação, mobilização e conscientização, com o objetivo de canalizar a força da moda para o bem.

Com a pergunta “Quem fez minhas roupas?”, visam causar essa inquietude na mente das pessoas, afim da busca por maior conhecimento, por maiores cobranças, onde as empresas se veem obrigadas a mostrar transparência em seus processos.

Figura 64 – Quem fez minhas roupas?



Fonte: https://br.pinterest.com/fash_rev_brasil/

A cofundadora do movimento, Orsola de Castro (apud FASHION REVOLUTION ORG) conclui:

Esperamos que o Fashion Revolution Day inicie um processo de descoberta, aumentando a conscientização sobre o fato de que a compra é apenas o último passo de uma longa jornada que envolve centenas de pessoas, realçando a força de trabalho invisível por trás das roupas que vestimos.

Felizmente, esse movimento tem ganhado cada vez mais força no nosso país. Desde 2014 quando foi realizado o primeiro *Fashion Revolution Day*, o Brasil integra a programação mundial. Em 2017, houveram 225 eventos em mais de 30 cidades, e agora neste ano, a atuação foi ainda mais intensa, e aconteceu em mais de 50 cidades, com 40 embaixadores(as) estudantis. (PEREIRA, 2018)

E diferente do que pode se pensar, reúne profissionais das mais diversas áreas, com o mesmo interesse em comum, de salvar nosso planeta.

O conceito também tem evoluído, pois além passar explicações e conceitos, tem mostrado mais propostas e soluções, oferecendo as pessoas maior entendimento da real bandeira do movimento, fazendo-as rever melhor seus hábitos.

Além de fóruns, workshops, palestras e debates, a plataforma online, também causou muitos impactos positivos. As visitas no perfil cresceram exponencialmente e o número de seguidores aumentou em 8 mil. As ações de questionar as marcas também foi intensa; as postagens com a hashtag oficial do movimento “#quemfezminhasroupas” chegaram a 20 mil, e a hashtag “#eufizsuasroupas”, a 3 mil. (PEREIRA, 2018)

Figura 65 - Conhecimento Fashion Revolution



Fonte: https://br.pinterest.com/fash_rev_brasil/

Assim, o Fashion Revolution é uma importante ferramenta para a concretização da construção de um sistema de moda sustentável, justo e sem desigualdades. Eis um movimento que visa um futuro sem dor ou exploração, seja ambiental ou humana, para produzir uma peça de roupa sequer.

4.6 BRECHOS, BAZARES E GUARDA ROUPA COMPARTILHADO

Diante de movimentos como o *Fashion Revolution*, *Slow Fashion*, onde grandes marcas estão sendo desmascaradas; onde os processos estão sendo cobrados por mais transparência, os impactos da indústria da moda chegaram ao conhecimento do consumidor, “o consumismo está fora de moda. Quem gosta de comprar roupa está com mais consciência ambiental e passou a reconsiderar a maneira como entrega seu dinheiro para a indústria” (CAVALCANTE, 2018).

Este consumidor finalmente tem mostrado uma maior preocupação com seu consumo. E por conta disso, o interesse por “roupas usadas” tem ganhado uma nova

proporção. “Não é apenas tendência, é mudança de comportamento coletivo” (comunicação viva)¹⁶

Surgiu então o desenvolvimento de uma nova economia baseada no descarte, onde o objetivo não é parar e comprar, muito pelo contrário. A nova maneira de adquirir moda é sobre qualidade, consciência e sustentabilidade.

Figura 66 - Descarte x Cuidados

**O DESCARTE DE QUASE
70%
DAS ROUPAS
QUE USAMOS
PODERIA SER EVITADO
CUIDANDO MELHOR
DELAS**

Fonte: https://br.pinterest.com/fash_rev_brasil/

De acordo com Bruna La Serra, proprietária do Brechó “Vovó Virou Vintage” (comunicação viva), no Brasil, o nome Brechó vem de Belchior, mascate antenado que no século XIX, no Rio de Janeiro, começou a vender roupas e objetos de segunda mão. Os estabelecimentos foram chamados de “Casa de Belchior” e depois, adotou-se a corruptela Brechó.

A aceitação tem evoluído muito, o conceito está sendo mudado para tirar a imagem que muitas pessoas ainda têm sobre esses estabelecimentos, tendo como locais que vendem “roupas de gente morta”, “roupa mofada”, “roupa velha”. E as motivações para essa mudança vão desde necessidade, curiosidade ou ideologia.

Perante os tempos de crise, os brechó e bazares surgiram como grandes aliados, segundo fontes de pesquisas feitas pela consultoria Dim & Canzian e SEBRAE (apud LA SERRA, 2018):

¹⁶ Palestra ministrada por Bruna La Serra em 23 de abril de 2018 no evento II Fashion Revolution da Fatec Americana (comunicação viva).

- 92% das pessoas tiveram que cortar as despesas nos últimos 12 meses;
- é possível economizar até 80% em relação a produtos novos nos brechós.

Ou seja, você consegue através deles, comprar roupas de boa qualidade, gastando menos.

E por se tratar de um “novo conceito” de consumo (que de novo não tem nada), aguça a curiosidade dos consumidores.

- 81% das pessoas dizem que se interessariam por bens de segunda mão.

A curiosidade também é aflorada para conhecer a história que aquela roupa carrega com ela. Seguindo a linha do “quem fez minhas roupas”, ao se questionar sobre uma determinada peça em um brechó, um bazar, certamente a vendedora vai te contar algo, tornando-a uma peça única, exclusiva e cheia de vida. E ao compra-la, você está dando uma nova vida as peças que já existem.

Por conta disso, o planeta agradece! Pois ao comprar peças deste tipo você pode obter roupas de qualidade, além de reutilizar o produto diminuindo a emissão de carbono e economizando recursos naturais utilizados na confecção de roupas novas, economiza todos os impactos causados como apresentados no terceiro capítulo, e é uma alternativa para a questão do descarte. É uma resposta para aquelas peças que você não usa mais, ou muitas vezes, comprou por um impulso e nem chegou a usar. Sim! Pois muitas peças disponíveis em brechós, são sem uso, ainda com etiquetas, resultados do consumo impulsivo e desenfreado.

Segundo estudos sobre desperdício do vestuário no mundo pelo site *Rentez vous* (apud PEDROSO, 2017), um deles afirma que mulheres usam em média apenas 30% das peças que compram e os homens usam apenas 13% do guarda-roupa.

Ainda de acordo com as pesquisas realizadas pela consultoria Dim&Canzian e SEBRAE:

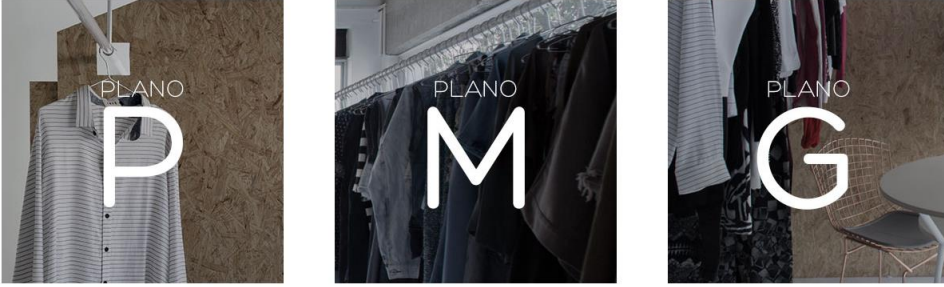
- Segmento de brechós cresceu 210% nos últimos cinco anos;
- Hoje são mais de 11mil estabelecimentos deste tipo no Brasil;
- Setor movimenta R\$5 milhões por ano no Brasil.

Um outro conceito muito interessante que também está em crescimento, é o guarda roupa compartilhado. E como o próprio nome diz, trata-se de um guarda roupa coletivo, onde você pega uma peça, utiliza, e depois devolve, deixando essa roupa disponível para outra pessoa utilizar e realizar o mesmo processo.

Segundo Pedroso (2017), “o uso compartilhado de roupas, é uma espécie de brechó 2.0 que surgiu no exterior há alguns anos”

Ele tem o intuito de prolongar a vida das roupas, onde a ideia é criar um espaço com roupas que seriam usadas poucas vezes e fazê-las circularem entre usuárias do serviço. Em alguns casos, a loja cobra uma mensalidade, dispendo de planos de assinatura (faz alusão ao serviço oferecido pela Netflix) e o usuário pode pegar um número limitado de roupas. Já em outras, o aluguel de cada peça tem um valor fixo. (CAVALCANTE, 2018)

Figura 67 – Planos Roupateca



No **Plano P** você pode pegar até 1 peça por vez, aproveitá-la por até 15 dias e trocar por outra peça assim que quiser.

No **Plano M** você pode pegar até 3 peças por vez, aproveitá-la por até 15 dias e trocar por outra peça assim que quiser. Pode trocar todo dia se quiser.

No **Plano G** você pode pegar até 6 peças por vez, um delete. Também pode aproveitá-las por até 15 dias e trocar por outras peças quando enjoar, ou quiser. Pode trocar todo dia, se quiser.

ASSINAR

ASSINAR

ASSINAR

Fonte: <http://arouateca.com/a-rouateca/>

Além de que, esse conceito dá a possibilidade de a consumidora usar uma roupa que talvez nunca conseguisse adquirir por se tratar de uma peça com um valor muito alto. Ou até mesmo por ser peças exclusivas de desfiles, showrooms, ou excedentes de coleções, pois marcas como Farm, Cantão e Missinclof apoiam iniciativas como essa para montagem do acervo. (PEDROSO, 2017)

Um grande exemplo desse novo conceito é a Roupateca, localizada em São Paulo, que presta esse tipo de serviço por assinatura. Tocado pela consultora de estilo Daniela Ribeiro, que descreve:

Todas as decisões que envolvem o vestir tocam a vida de muitas pessoas, de muitas cadeias e de universos tanto particulares quanto globais. Desejar, comprar, usar e enjoar. Cada etapa é permeada por escolhas estéticas e financeiras que nem sempre são feitas com plena consciência. E tudo bem. Mas, se o nosso guarda-roupa é um reflexo de quem somos, é também de como somos no mundo. Enxergamos que o problema não

está no consumo. Consumir também é a capacidade de usar e esgotar um produto na sua máxima potência, e não apenas poder de compra. Por isso a pergunta que queremos te fazer é: Por que você precisa comprar tudo que deseja usar? Queremos propor um convite à pausa e à reflexão, que converge nas formas de pensar, compartilhar, servir e reusar o que já temos disponível no mundo. Por isso colocamos um guarda-roupa a serviço das pessoas. Se o vestir é um ato político, oferecemos a possibilidade de pessoas fazerem esse caminho em rede. (ROUPATECA)

4.7 TENDENCIAS UPCYCLING

Essa tendência trata-se de um reflexo dos tempos desarticulados em que vivemos, onde os acontecimentos cotidianos parecem cada vez mais surreais.

Figura 68 – Upcycling



Fonte: https://br.pinterest.com/fash_rev_brasil/

Ou seja, o *Upcycling*, consiste em uma técnica do processo criativo que a partir de matérias primas que eram consideradas resíduos (que seriam descartados em aterros levando centenas de anos para se decompor) como: fins de rolo de tecido, retalhos, roupas com pequenos defeitos ou roupas usadas, sobras de tecidos e aviamentos, se propõem em ir na contramão do processo acelerado que dita as tendências da moda cuja lógica são produções efêmeras, afim de diminuir os impactos causados pela indústria têxtil e incentivar o consumo consciente. (SAMORANO, 2017)

Assim, representantes do *Upcycling* visam dar novo valor a uma parte das 170 mil toneladas de resíduo têxtil descartadas todos os anos só no Brasil. “A ideia por trás das peças é estender a vida do que é considerado lixo ou excesso, no processo tradicional de confecção”, completa Samorano (2017).

É uma forma de reuso, transformar aquilo que não teria mais valor em algo diferente e reutilizável.

Mas é importante ressaltar que *Upcycling* não é a mesma coisa que reciclagem. Um não invalida o outro, e ambos têm objetivo de tornar o planeta mais sustentável. Contudo, seria mais certo dizer que é *Upcycling* é algo como uma evolução em cima do conceito de reaproveitamento, da continuidade do ciclo de vida do produto. Pois, no processo de reciclagem, para prolongar e seguir o ciclo do material, envolve produtos químicos no seu processo em si, já no *Upcycling*, não. Ele aproveita as propriedades originais do material, sem a necessidade de intervenções químicas, é a reutilização de um material. (MARQUES, 2017)

O termo foi usado pela primeira vez em 1994 pelo empresário e ambientalista alemão Reine Pils. Mas só em 2002, no livro "*Cradle to Cradle: Remaking the Way we Make Things*", alcançou os olhos do público. Nele, os autores William McDonough e Michael Braungart afirmam que o objetivo do upcycling é evitar o desperdício de materiais potencialmente úteis, reduzindo o consumo de novas matérias-primas durante a criação de novos produtos e o consumo de energia, a poluição do ar e da água e as emissões de gases de efeito estufa, resultantes dos processos industriais da reciclagem. Isto torna a prática ainda mais positiva, do ponto de vista ecológico, do que a própria reciclagem. (ZUPI apud MARQUES, 2017)

Porém ainda tem um grande caminho a percorrer entre deixar de ser apenas um discurso de marketing ecológico para se tornar realidade. Pois além ser uma mudança nos processos de criação, onde é necessário criar em cima de algo que já se tem, não é barato para quem faz e nem para quem compra. (SAMORANO, 2017)

Figura 69 - Cartaz Upcycling



Fonte: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/moda/upcycling-transforma-descartes-e-tecido-velho-em-roupa-nova-e-linda>

Fazer uma coleção com essa tendência não torna sua marca, uma marca sustentável, mas mostra uma solução para o problema dos descartes de resíduos gerados pelas indústrias. É apenas uma parte do que precisa ser feito.

E para mostrar que essa técnica pode ser usada por pequenos à grandes criadores, temos a Viktor & Rolf, que usou em seu desfile de Outono/Inverno 2016/2017, uma coleção de alta costura toda executada com matérias descartados das coleções anteriores. “O mais legal é que a marca fez questão de tornar explícita a reutilização em cortes e recortes onde fica claro o reaproveitamento, até mesmo com remendos. (MARQUES, 2017)

Figura 70 - Viktor & Rolf

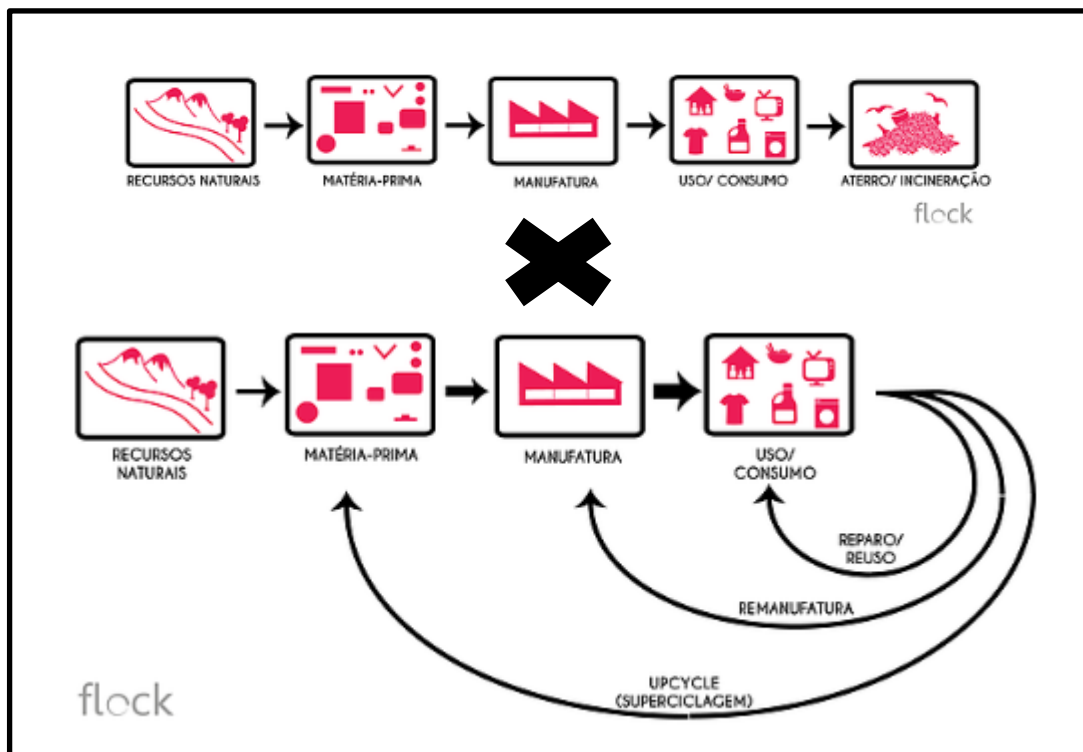


Fonte: <http://www.viktor-rolf.com/haute-couture/vagabonds/>

Entre os benefícios da tendência Upcycling, está o de ser o método que mais se aproxima de uma economia circular. Onde “o crescimento econômico se dissocia do consumo crescente de novos recursos, e possibilita uma forma bem mais inteligente de aproveitamento dos recursos que já se encontram em uso no processo produtivo.” (MARQUES,2017)

Ou seja, pensando a longo prazo, não corre um risco iminente de esgotamento de matérias primas, pois o crescimento econômico não depende do consumo de produtos finitos, com os custos de extração cada vez mais altos. E não resulta na geração de um volume sem precedentes de resíduos inutilizados.

Figura 71 - Economia Linear X Economia Circular



Fonte: <https://trendr.com.br/a-nova-moda-upcycling-f6cab05628c3>

Para concluir, Marques (2017) diz que:

Sabemos que hoje, pensar em uma gestão de resíduo zero (chamado de ciclo fechado, que é quando o destino final dos resíduos visa o aproveitamento máximo dos resíduos, os transformando em matéria prima secundária) na moda ainda é muito novo, mas a boa notícia é que o caminho já começou a ser trilhado por empresas pioneiras que estão repensando design, produção e consumo de fibras, tecidos e peças. O design inclusive, dentro desta cadeia, é um dos pontos mais importantes, por ser o único processo criativo capaz de transformar o que seria lixo em algo com novo apelo, ou criar um produto que gere desperdício zero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que parecia ser a princípio um mapeamento da história do artesanal na moda e culturas variadas e especialmente a paixão pela artista plástica mexicana Frida Kahlo, ganhou estofamento de reflexão sobre valores e repercussão em nível de macrotendência no que diz respeito às atitudes e comportamento do ser humano diante do planeta.

Foi percebido que na medida que o contato com muitos autores e pesquisa de campo em brechós e feiras alternativas, além de observação às práticas artesanais, antigamente chamadas de “préstimos do lar” ou “trabalhos manuais” levaram o objeto inicial de pesquisa a se distanciar. Esse fato traz certa insegurança, pois imagina-se que uma pesquisa irá crescer e não se modificar. Porém, os interesses de aprofundamento sobre meio ambiente e retorno às práticas manuais, além de observar os impactos da tecnologia, sustentabilidade e movimentos reflexivos acerca de trabalho escravo, fizeram a pesquisa se enveredar para o estudo do *slow fashion*, do capitalismo, do retorno aos valores da exclusividade e singularização do indivíduo, além do consumo consciente.

Foi então que nasceu a pesquisa, nutrida de fontes e autores, de visitas aos brechós e entrevistas com artesãos, além do contato com bordados e crochês que representam o grito da moda ou apelo por valores renovados.

Detectou-se que, quem borda, faz crochê, tricô ou macramê, o faz por livre desejo e não como outrora, para cumprir com o brevê de bom partido para o casamento, não há obrigação, há sensibilidade, há magia de mudar o curso da moda.

Percebeu-se que em documentários e palestras os temas demonstraram que a sociedade escravocrata no Brasil não deixou de existir, todavia as punições para este tipo de exploração começaram a ganhar força através da mídia, tornando explícita a verdade.

No decorrer da pesquisa foi possível perceber que o repertório histórico mostrou como na linha do tempo que o homem foi sábio e como o design sempre pareceu necessário, caso contrário as vestes da pré-história teriam somente função e não precisariam ser pintadas ou “estampadas”, a estética e beleza eram necessidade também, logo, onde o homem precisava de uma alternativa para se destacar, sentir-

se único, ele recorria a algum trabalho manual, mesmo que com poucos materiais disponíveis.

Então, tomando como referência o movimento *slow fashion* que surgiu para fazer o mundo respirar mais aliviado, mostrando que o “menos muitas vezes é mais”, “que qualidade é melhor que quantidade”, foi apresentado projetos sustentáveis e mudanças de comportamento. Considerações de doutrinadores desses projetos auxiliaram na compreensão do levantamento enfocado, cujo resultado revelou que o *handmade*, o resgate de etnias, a exigência por trabalho justo e empresas transparentes estão associados com a preservação do meio ambiente e principalmente com a preservação da particularidade de cada ser humano em suas infinitas personalidades

Através dessa pesquisa, há o intuito de incentivar uma nova maneira de adquirir peças de vestuário, sugerindo o consumidor à visitar brechós; remendar e reutilizar suas próprias roupas dando à elas “novas caras”; resgatar a costureira do bairro; valorizar o comércio local e marcas menores; comprar algo orgânico; desapegar de peças que não usa mais, porém, descartando de forma correta; cuidar melhor de suas roupas, lavando de acordo com as instruções contidas na etiqueta, além de fazê-lo questionar mais sobre o que veste, de onde vem, quem fez, como fez. Demonstrando que cada peça de roupa carrega uma história com ela (boa ou ruim), e por conta disso, deve ser dado valor justo à ela, e no caso de uma peça ter sido feita manualmente, saber reconhecer todo o esforço e dedicação imersa nela.

Esta pesquisa pretende então, não só transmitir, mas também conscientizar outros pesquisadores do setor de que há uma nova história da moda sendo bordada, por quem não erra o ponto e que arremata em linhas e cores um cenário de um novo momento onde humanidade e democracia formam um lindo desenho para sentirmos orgulho do que vestimos!

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO ANIMAL ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL - ANIMAL.

Animais no vestuário e decoração. 2011. Disponível em:

<<http://animal.org.pt/animais-no-vestuario-e-acessorios/>>. Acesso em: 13 maio 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT. **NBR 10520:**

informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de

Janeiro: ABNT, 2002. 7p.

BAUDOT, François. **Moda do Século.** São Paulo: Cosac & Naify, 2000. 400 p.

Tradução de Maria Thereza de Rezende Costa.

BBC. **Qual é a indústria que mais polui o meio ambiente depois do setor do**

petróleo? 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-39253994>>.

Acesso em: 05 maio 2018.

BELZER, Les. **O que é o tecido Tencel?** 2017. Disponível em:

<http://www.ehow.com.br/tecido-tencel-sobre_76798/>. Acesso em 25 mar. 2018.

BORDADOS UNIVERSAL JC. **A História do bordado.** Disponível em: <

<https://www.sites.google.com/site/bordadosuniversal/a-historia-do-bordado>>. Acesso

em: 05 maio 2018.

BRANDÃO, Gil. **A moda através dos tempos.** [s.l.]: Três, [199-?]. 162 p.

BRITTO, Rafaella. **A moda na pré-história.** 2016. Disponível em:

<<http://www.imperioetro.com/2016/01/a-moda-na-pre-historia.html>>. Acesso em: 28

fev. 2018.

CAULYT, Fernando. **A lógica perversa de exploração na indústria têxtil:** Como o

padrão de preços baixos oferecidos por países asiáticos à custa da exploração de

mão de obra influi nas condições de trabalho no Brasil. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/economia/a-logica-perversa-de-exploracao-na-industria-textil/@@amp>>. Acesso em: 06 maio 2018.

CAVALCANTE, Isabella. **Guarda-roupa compartilhado é a nova forma de**

consumir moda. 2018. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/moda/guarda-roupa-compartilhado-e-a-nova-forma-de-consumir-moda>>.

Acesso em 29 maio 2018.

CHRISTINE, Michele. **Bordado Richelieu.** 2013. Disponível em:

<<https://michelechristine.wordpress.com/os-bordados/richelieu/>>. Acesso em 28 mar

2018.

CILENE, Paula. **Um pouco da história da Renda Renascença**. 2010. Disponível em: <<http://paularendarenasceca.blogspot.com.br/2010/10/um-pouco-da-historia-da-renda.html>>. Acesso em 28 mar 2018.

CINTRA, Ângela Valadão. **O Arminho**. 2012. Disponível em: <<http://diantedotrono.com/o-arminho/>>. Acesso em 28 mar 2018.

CLÍNICA DE TRABALHO DE ESCRAVO E TRÁFICO DE PESSOAS DA FACULDADE DE DIREITO DA UFMG. **Escravos da moda: os bastidores nada bonitos da indústria fashion**. Disponível em: <<https://www.clinicatrabalhoescravo.com/single-post/2017/03/23/Escravos-da-moda-os-bastidores-nada-bonitos-da-ind%C3%BAstria-fashion>>. Acesso em: 06 maio 2018.

COLERATO, Marina. **O Que As Fast Fashion Não Estão Fazendo Para Mudar O Cenário De Exploração**. Disponível em: <<http://www.modifica.com.br/fast-fashion-exploracao-sustentabilidade/#.WvDS54gvztR>>. Acesso em 05 maio 2018.

COSGRAVE, Bronwyn. **Historia de la moda.:** Desde Egipto hasta nuestros días. Espanha: Gustavo Gili, 2012. 256 p.

CUNHA, Renato. **Uma breve história da evolução da moda até o fast fashion**. 2015. Disponível em: <<http://www.stylourbano.com.br/uma-breve-historia-da-evolucao-da-moda-ate-o-fast-fashion/>>. Acesso em: 06 maio 2018.

DEARO, Guilherme. **Comercial chocante mostra o outro lado do couro**. 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/marketing/comercial-chocante-mostra-o-outro-lado-do-couro/>>. Acesso em 13 maio 2018.

DE CARLI, Ana Mery Sehbe (Ed.). Moda no terceiro milênio: novas realidades, novos valores. In: _____; MANFREDINI, Mercedes Lusa (Org.). **Moda em sintonia**. Caxias do Sul, Rs: Educus, 2010. p. 38-51.

DUARTE, Gabriele. **Da obrigação à opção: mulheres jovens ressignificam bordado, crochê e tricô**. 2017. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2017/03/da-obrigacao-a-opcao-mulheres-jovens-ressignificam-bordado-croche-e-trico-9761235.html>>. Acesso em 26 maio 2018.

ECYCLE. **Fast fashion: o que é, como funciona e quais impactos ambientais que gera?** Disponível em: <<https://www.ecycle.com.br/component/content/article/73-vestuario/5891-fast-fashion-o-que-e-como-funciona-e-quais-impactos-ambientais-que-gera-marcas.html>>. Acesso em: 03 maio 2018.

FASHION REVOLUTION ORG. **Fashion Revolution Brasil**. Disponível em:<<https://www.fashionrevolution.org/south-america/brazil/>>. Acesso em: 21 maio 2018.

FICHTNER, Claudio Sehbe (Ed.). Qualidade ambiental: responsabilidade da indústria. In: De CARLI, Ana Mery Sehbe; MANFREDINI, Mercedes Lusa (Org.). **Moda em sintonia**. Caxias do Sul, Rs: Educus, 2010. p. 52-64.

HISTÓRIA da indumentária: vestuário na pré-história. Disponível em: <<http://historiadamoda.com.br/vestuario-na-pre-historia>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

IVO, Flávia. **Cursos de corte e costura e bordado saem do passado e ganham novos significados**. 2017. Disponível em: < <http://hojeemdia.com.br/mais/cursos-de-corte-e-costura-e-bordado-saem-do-passado-e-ganham-novos-significados-1.455531>>. Acesso em: 26 maio 2018.

KENNETT, Frances, **Ethnic Dress**. Nova Iorque: Facts On File: 1995.192 p.

LAVIER, James. **A roupa e a moda: Uma história concisa**. Londres: Companhia das Letras, 1989. 285 p. Tradução de: Glória Maria de Mello Carvalho.

LEONARD, Annie. **A história das Coisas: Da natureza ao lixo, o que acontece com tudo que consumimos**. Brasil: Jorge Zahar, 2011. 324 p.

LEGNAIOLI, Stella. **O que é slow fashion e por que adotar essa moda?** Disponível em: < <https://www.ecycle.com.br/component/content/article/73-vestuario/5950-slow-fashion.html>>. Acesso em 16 maio 2018.

MARCHIORO, Cecília (Ed.). O consumo e o sistemas de produção de moda: reflexões sobre o fast fashion e slow fashion. In: DE CARLI, Ana Mery Sehbe ; MANFREDINI, Mercedes Lusa (Org.). **Moda em sintonia**. Caxias do Sul, Rs: Educs, 2010. p. 126-141.

MARCO, Simone de. Crochê é arte e recomeço na Penitenciária Adriano Marrey. **Diário Oficial**, São Paulo, 6 abr. 2018. Disponível em: <http://diariooficial.imprensaoficial.com.br/doflash/prototipo/2018/Abril/06/exec1/pdf/pg_0001.pdf>. Acesso em 06 abr. 2018

MARQUES, Xande. **A nova moda: Upcycling**. 2017. Disponível em: < <https://trendr.com.br/a-nova-moda-upcycling-f6cab05628c3>>. Acesso em: 03 jun 2018.

MARTINS, Suzana Barreto (Ed.). O paradoxo do design sustentável na moda: diretrizes para a sustentabilidade em produtos de moda e vestuário. In: DE CARLI, Ana Mery Sehbe ; MANFREDINI, Mercedes Lusa (Org.). **Moda em sintonia**. Caxias do Sul, Rs: Educs, 2010. p. 80-89.

MESQUITA, Renata Valéria de. **Labirinto Shipibo**. 2013. Disponível em: < <https://www.revistaplaneta.com.br/labirinto-shipibo/>>. Acesso em: 12 mar. 2018

MIRANDA, Bruna. **Slow Fashion: o que é esse movimento, que veio para ficar, e transformar**. 2014. Disponível em: < <https://reviewslowliving.com.br/2014/09/24/slow-fashion-o-que-e-esse-movimento-que-veio-para-ficar-e-transformar/>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

MONTEIRO, Queila Ferraz. **Revolução industrial e a industrialização do vestuário: onde a função encontrou a moda.** 2007. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/revolucao-industrial-e-a-industrializacao-do-vestuario-onde-a-funcao-encontrou-a-moda/>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

OLIVEIRA, Andréa. **A história do vestuário: os costumes de cada época.** 2013. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/cursos-confeccao-roupas/artigos/a-historia-do-vestuario-os-costumes-de-cada-epoca>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

PARODE, Fábio Pezzi; REMUS, Bruna do Nascimento; VISONÁ, Paula (Ed.). Desafios da moda em tempos de crise: reflexões sobre sustentabilidade e consumo. In: DE CARLI, Ana Mery Sehbe ; MANFREDINI, Mercedes Lusa (Org.). **Moda em sintonia.** Caxias do Sul, Rs: Educus, 2010. p. 65-74.

PEDROSO, Paulo. Guarda-roupa compartilhado oferece acesso a peças por assinatura em SP. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 08 jan. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2017/01/1847632-guarda-roupa-compartilhado-oferece-acesso-a-pecas-por-assinatura-em-sp.shtml>>. Acesso em 29 maio 2018.

PEREIRA, Bárbara Poerner. **Quem fez minhas roupas?** Fashion Revolution promove ações e questionamentos por todo o Brasil. 2018. Disponível em: <<http://www.revistacatarina.com.br/quem-fez-minhas-roupas-fashion-revolution-promove-acoes-e-questionamentos-por-todo-o-brasil/>>. Acesso em 28 maio 2018.

PORTAL SEMEAR. **ARCA: Juventude local e rendeiras (Paraíba):** Juventude local na organização e gestão do grupo de rendeiras. Disponível em: <<http://talentos.portalsemear.org.br/arca-juventude-local-e-rendeiras/>>. Acesso em: 21 maio 2018

PORTOGENTE. **Os impactos ambientais decorrentes da cadeia produtiva têxtil.** 2014. Disponível em: <<https://portogente.com.br/noticias/meio-ambiente/82179-os-impactos-ambientais-decorrentes-da-cadeia-produtiva-textil>>. Acesso em 05 maio 2018.

QUEIROZ, Christina. **Movimento slow fashion defende a produção de peças duráveis e feitas à mão.** 2014. Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2014/10/29/movimento-slow-fashion-defende-a-producao-de-pecas-duraveis-e-feitas-a-mao.htm>>. Acesso em: 15 maio 2018.

REPORTER BRASIL. **As marcas da moda flagradas com trabalho escravo.** Disponível em: <<http://reporterbrasil.org.br/2012/07/especial-flagrantes-de-trabalho-escravo-na-industria-textil-no-brasil/>>. Acesso em 07 maio 2018.

ROUPATECA. **Vestir também é um ato político.** Disponível em: <<http://aroupateca.com/manifesto/>>. Acesso em 29 maio 2018.

SAMORANO, Carolina. **Upcycling transforma descartes e tecido velho em roupa nova (e linda)**. 2017. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/moda/upcycling-transforma-descartes-e-tecido-velho-em-roupa-nova-e-linda>>. Acesso em: 30 maio 2018.

SINDICATO NAACIONAL DOS AUDITORES FISCAIS DO TRABALHO – SINAIT. **SRTE/SP ratifica Pacto pelo Emprego e Trabalho Decentes**. Disponível em: <<https://www.sinait.org.br/site/noticia-view/?id=633/srte-sp-ratifica-pacto-pelo-emprego-e-trabalho-decentes>>. Acesso em: 07 maio 2018.

SILVA, Úrsula de Carvalho. **História da Indumentária**. 2009. Apostila de Projeto de Coleção. Disciplina de História da Indumentária do Curso Técnico em Moda e Estilismo – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Campus Araranguá. Disponível em: <https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/e/e2/Hist%C3%B3ria_da_Indument%C3%A1ria_vers%C3%A3o_02.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

STEVANUX, Débora. **Conheça as meninas que fazem do bordado uma maneira de se empoderar**. 2016. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/conheca-as-meninas-que-fazem-do-bordado-uma-maneira-de-se-empoderar/>>. Acesso em: 26 maio 2018.

THE TRUE COST. Direção: Andrew Morgan. Produção: Vincent Vittorio, Joseph Haro. França: Life Is My Movie Entertainment, 2015.

YAHN, Camila. **SPFW apresenta desfile com peças feitas por detentos sob orientação de Gustavo Silvestre**. 2018. Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/noticias/moda/spfw-apresenta-desfile-com-pecas-feitas-por-detentos-sob-orientacao-de-gustavo-silvestre/>>. Acesso em: 20 maio 2018.

ZURI, Gabriela. **A indústria das peles de animais, o sofrimento e a moda**. 2016. Disponível em: <<https://followthecolours.com.br/style/a-industria-das-peles-de-animais-o-sofrimento-e-a-moda/>>. Acesso em: 13 maio 2018.